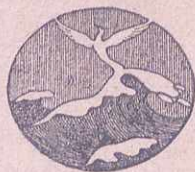


JOÃO DE BARROS

CAMINHO DA ATLANTIDA

UMA CAMPANHA
LUZO-BRAZILEIRA



CAMINHO
DA ATLANTIDA

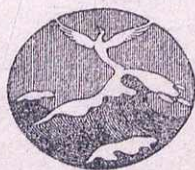
Imprensa Libanio da Silva, T. do Fala-Só; 24 — Lisboa



JOÃO DE BARROS

CAMINHO DA ATLANTIDA

UMA CAMPANHA
LUZO-BRAZILEIRA



ATLANTIDA

MEMBRO ARTÍSTICO
LITERÁRIO E SOCIAL
PARA
PORTUGAL E BRASIL

DO AUTOR:

VERSO:

Algas — (exgotado) — 1908.
O Pomar dos Sonhos — 1900.
Entre a Multidão — 1902.
Dentro da Vida — 1903.
Caminho do Amor — 1904.
Terra Florida — 1909.
Anteu — 1912.
Anciedade — 1914.
Odê à Bélgica — 1915.
Oração à Patria — 1917.

PROSA:

A Escola e o Futuro — 1909.
La Littérature Portugaise — 1910.
A Nacionalização do Ensino — 1911.
A República e a Escola — 1913.
Educação Republicana — 1914.
A Educação Moral na Escola Primária — 1914.
A Energia Brasileira (Conferencia) — 1912.

A SAIR:

Vida Vitoriosa (poemas escolhidos)
Aillaud, Alves & C.^a
Sisifo — poema.

Ao Dr. Gastão da Cunha

Embaixador do Brasil em Lisboa.

As DA Estado da União

1999

CAMINHO DA ATLANTIDA

Uma noite, no Rio de Janeiro, sob a scintilação maravilhosa das estrêlas que dão ao céu tropical um fulgor de prodígio, alguns escritores e artistas brasileiros conversam comigo sôbre a necessidade, cada vez mais inadiável, duma estreita, duma íntima solidariedade entre os dois países irmãos.

O afastamento que entre êles parece existir — e digo parece porque, na minha opinião, só superficialmente existe e quási facilmente poderá ser combatido — preocupava-nos de maneira diversa, mas com igual intensidade de sentir. Aos meus amigos, porque Portugal representava ante os seus espíritos cultos e patrióticos uma fôrça de tradição histórica,

a que nada mais poderia equivaler. A mim, porque o Brasil surgia, no seu ímpeto de civilização, como a melhor fôrça de futuro, como a mais sólida garantia de expansão para a língua, para o génio e para a alma portugueses, ávidos sempre de viver e transpor, nas consciências e nos corações, as fronteiras minguadas que a geografia lhes impõe. Eu tinha ainda nos nervos, tal como na primeira hora, a vibração do entusiasmo generoso que cercara a minha estada no Brasil: — e sabia, sem me deixar cegar por uma vaidade mal entendida e certamente ridícula, que unicamente devera essa recepção amorável à minha qualidade de português e de artista, que atravessara o Oceano, não para fazer propaganda de quaisquer produtos comerciais, não para colhêr, mais ou menos disfarçadamente, interêsses e vantagens, mas, apenas, no desejo ardentíssimo e sincero de tentar efectuar, praticamente, uma maior aproximação luso-brasileira. João Luso, entre outros, numa crónica d-*O Jornal do Comércio* reconhecera, com fidalga benevolência, êsse meu desinterêsse. E o seu viático punha-me à

vontade para tratar do assunto, garantindo-me que ninguém atribuiria a minha viagem a outros intuitos. Assim nessa noite de scintillante convivência, a palestra tomara um tom de camaradagem fraternal, que permitia a livre expansão das ideas mais arrojadas e dos planos mais quiméricos. Hora de tão comovida ternura espiritual, que eu sou forçado a evocá-la nas primeiras páginas dêste livro, como sendo, talvez, o primeiro passo a dar nesse *Caminho da Atlântida* que é preciso lançar entre Portugal e Brasil. . .

De resto, há muito que Paulo Barreto, que estava ali, também, divagara largamente sôbre o mesmo assunto, procurando, e conseguindo logo, a minha simpatia pelas suas ideas. E desde uma luminosa manhã de Lisboa, em que, com Manuel de Sousa Pinto, autor dum admirável livro sôbre o Brasil, *Terra Moça*, o seu apostolado veemente desta causa nos fizeram demorar uma longa hora à porta da Livraria Teixeira, nunca mais ela deixou de nos preocupar. Paulo Barreto ama perdidamente Portugal: — e os seus livros e os seus numerosos artigos em vários jor-

nais do Rio e de S. Paulo manifestamente o demonstram. A convite de Paulo Barreto partira eu para o Rio; por indicação dêle fôra eu a S. Paulo; e a sua influência no jornalismo e na sociedade das duas capitais permitira em grande parte, sem dúvida, a recepção carinhosíssima que me faziam. Que melhor maneira de corresponder ao convite do amigo, e à hospitalidade excepcional de todos, do que trabalhar por um ideal comum às duas Pátrias, útil igualmente para ambas? Por isso, ao recolher a casa, depois da longa palestra que nos reünira e tendo sentido, naquelas inteligências cultas, pulsar o mesmo sonho de fraternidade que pulsava no meu cérebro, eu dizia a um dos amigos que amavelmente me acompanhava ao hotel:

— É preciso trabalhar muito para que se extinga o desconhecimento que separa as duas nações. O mais urgente, porém, creio que será estabelecer e desenvolver uma sólida aproximação das duas mentalidades, das duas literaturas, das duas artes. Criado êsse veículo essencial, mais de metade do trabalho estará feito. E bom seria que — reservadas as

diferenças essenciais impostas pelo meio — uma mesma alma palpitasse na vida mental dos dois países. Na verdade, é necessário erguer, sôbre o vasto Atlântico, um *continente moral* que nos ligue de vez...

— A Atlântida da lenda, disse sorrindo o meu amigo.

— A Atlântida, repeti eu.

— ; Mas onde estão os instrumentos de propaganda, os primeiros alicerces para a obra gigantesca? ; Onde os livros, as revistas, as conferências? E a fé — quem a tem? É um esforço tremendo...

— A fé temo-la nós todos, respondi. Só não a possuirão scépticos que duvidarem do futuro. Porque o Futuro — esteja você certo — não é Portugal ignorando o Brasil. Não é o Brasil ignorando ou esquecendo Portugal. É o Brasil e Portugal — numa coesão de destinos que só os engrandecerá a ambos...

Era tarde, para entrar na prova de tais afirmações. Mas foi porque tive fé que eu lancei um dia a *Atlantida*, no desejo, infelizmente ainda não realizado de, todo, de fundar um órgão de mutuo conhecimento inte-

lectual e artístico entre os dois países. E é porque a minha fé não diminuiu — e antes se tornou cada vez mais viva — que eu hoje trago êste livro ao público, sem outra pretensão que não seja a de nele deixar um depoimento modesto de quanto o Brasil merece ser amado, admirado e respeitado. E, também, na secreta esperança de que não ficará sozinho êste punhado de terra lusitana na formação do continente futuro...

Ilusão? Talvez. Tudo é ilusão... Tudo passa, tudo esquece, tudo morre. Mas a verdadeira aproximação luso-brasileira começa apenas a viver.. É cedo demais para mal agoirar do seu porvir. E porque se fundará nos alicerces profundos do sangue e da raça, dos corações e das inteligências — somos forçados a acreditar nela, desde que não queiramos, como qualquer banal pessimista, duvidar da própria existência vindoura dos dois países, irmanados pela fôrça mais indestrutível de todas as fôrças que existem no mundo: — uma mesma sensibilidade de sonho, de crença, de lirismo, e um mesmo ideal de civilização e cultura...

Terra de Sedução

Terminale 2012-2013

Terra de Sedução

CARTA DE BORDO

Quando ontem, na lancha que tão depressa, — tão depressa!... —, se afastava desse admirável Rio de Janeiro para me conduzir a bordo, alguns amigos insinuaram que a profunda tristeza, que então me pungia, era devida à saùdade dos teus beijos e do teu corpo, confesso-te, meu Amor, que sorri imperceptivelmente e imperceptivelmente encolhi os ombros, com desdêm. Êles pressentiam, adivinhavam que entre nós havia — ou houvera... — um sentimento profundo e sincero. E supunham que naquela hora melancólica da partida só êle me avas-salava, e me entretinha o espírito e o coração. E no emtanto, meu Bem, como se enganavam!

Ah! eu tenho de certo saùdades das nossas cur-tas, fugidias semanas de paixão. Sinto, decerto, a nostalgia amaríssima dos estreitos abraços que te

prendiam a mim. Vejo ainda, decerto, o sorriso claro de tua bôca húmida e quente,—húmida e quente como uma Primavera tropical Mas, se queres que te diga a verdade toda, eu amei-te tanto, tanto... apenas por um motivo:— porque em ti, no teu vulto airoso e magro, pude prender, abranger melhor um pouco do encanto, da beleza indefinível e forte da cidade em que nasceste e em que vives.

O Amor é, sem dúvida, cousa grave e séria — e eu gravemente e sériamente te amei: mas é, afinal, uma simples modalidade da Vida, uma das variadíssimas fisionomias da Existência; e não é, como nós julgamos aos dezóito anos, toda a Vida, toda a Existência, todo o Universo. Não é...

Ora numa terra de vida múltipla, vertiginosa e complexa, amar-te só por ti-mesma, amar-te longe de tudo e de todos, sem ouvir latejar, gritar, cantar vitoriosamente em nós o sonho de perfeição e de triunfo que embriaga a todo o instante o teu Rio de Janeiro, seria um crime, quási. Um crime impossível, de resto: porque só uma sensibilidade primitiva e fruste poderá escapar à influência nobremente exaltante da atmosfera que aí se respira. E é assim que eu, ontem, ao embarcar no vapor que me leva a Portugal, não pensava em ti, não me lembrava de ti, senão como de uma voz e de um gesto caricioso a juntar às vozes ardentes — e aos gestos de coragem, de fervor, de esforço e

de trabalho que compõem e tecem o pasmoso torvelinho vital dêsse grande empório americano. Perdoa-me a franqueza rude, que não é senão verdade...

Com efeito, como poderia sobressair e dominar a tua moderna, sugestiva elegância, se a Avenida Central a não cercasse do luxo caro das vitrines, do trepidar convulsivo ou da abalada contínua dos automóveis, e se, ao anoitecer, a luz gloriosa de centenas de lâmpadas refulgentes não viesse aureolar-se num resplendor só dado às Musas? Como poderias tu possuir essa alegria cantante e moça, se em volta da cidade divina não murmurasse perennemente o Mar, junto dos cais onde tu vais ouvi-la, a doce gargalhada inextinguível das ondas? E — dize: — que satisfação darias à tua vaidade — ao teu direito! — de ser amada, de ser admirada, de ser adorada, se os homens que te cercam, e a quem tu perturbas, não fôsem, como realmente são aí, almas sensíveis, mas intensas, gente de cultura e de energia, criaturas de tenacidade, de inteligência e de vigor?

A tua beleza absorve toda a sedução do ambiente que te rodeia: e essa sedução é, por vezes, maior que a própria irradiação da tua formosura jovem!

Sedução! Sedução! Eis o que sobretudo caracteriza a tua cidade! Sedução na paisagem, prodigiosa de linhas e de «nuances», desde a Tijuca, que mergulha no mar a avassaladora violência da sua vegetação, até aquela terníssima praia do Leme,

onde, numa manhã doirada e leve, entre uma multidão encantadora e moça, eu julguei amar-te mais do que nunca. Sedução na afável polidez dos homens, desde os mais altos funcionários do govêrno tão aristocraticamente democratas, aos mais humildes trabalhadores. Sedução na doçura honesta e na esveltez parisiense das mulheres. Sedução na alegria das crianças vivas e espertas, já desenhando, nas atitudes ingêntas, os primeiros gestos de ambição e de vontade que criam progresso, que realizam o futuro. Sedução também (como eu já estou longe da tua lembrança, minha Amiga!...) na maneira por que são educadas essas crianças, nos professores que as ensinam com o desejo de as tornarem felizes e saúdáveis, nas famílias que as envolvem de doçura e de carinho. Sedução nas construções novas da cidade, todas elas fazendo parar os transeúntes no enlêvo de poder habitá-las, todas elas emprestando mais grandeza e harmonia à grandeza e harmonia do panorama único... Sedução nos jardins tranquilos e nas praças rumorosas. Sedução no abraço dos amigos, amigos como outros não há em parte alguma. Sedução nas frementes aspirações dos moços e na risonha experiência dos velhos. Sedução, ainda e sempre, na própria luta quotidiana, dura, áspera, sem piedade: mas que, de tão poderosa, de tão formidável que é, ganharia, se alguém alguma vez tentasse esculpir em pedra o redemoinho do momento que passa, a ma-

gestosa expressão torturada duma estátua de Miguel Angelo ou de Rodin...

Pois bem : era por toda essa suprema embriaguez, por toda essa permanente sedução, que eu vinha triste e saúdoso na lancha que me trazia para bordo. Não era por ti, meu Amor!... Todas as saúdades parciais se fundiam no saúdade «total» da cidade queridíssima. E a cidade resumia também para mim todo o surto audacioso dêsse audacioso e enérgico Brasil, que em boa hora visitei e conheci.

A minha alma de paixão, de ansiedade, de avidez, sentiu-se engrandecer ao contacto da extraordinária civilização brasileira. Tornei-me mais consciente da fôrça do Homem, do valor do seu génio, das suas necessidades de domínio sobre a natureza e a vida. E uma certeza assim, ainda é a melhor bagagem que me poderia acompanhar para o meu país, a melhor recordação que me poderia encher o espírito, e é, talvez, a maior e melhor aquisição que tem feito até hoje a minha inquieta sensibilidade.

Por isso, a saúdade do nosso exasperado amor pouco me preocupava, meu Bem. Pouco, pouquíssimo! Vivi, sofri na hora de despedir-me, para além do nosso desejo e da nossa volúpia. E tal saúdade — também não deve preocupar-te, a ti que nasceste para ser alegre e despreocupada. Nem ela deve nunca arrepanhar a tua bôca lisa de sereia num

riktus doloroso de chôro. Aprende antes a ser mais elegante, a ser mais atraente, a ser mais linda, É êsse o teu dever para com a tua terra. De tal sorte mostrarás que a compreendes. Honrá-la hás, dignificando-te. Contribuirás para a sua beleza integral. Não porque faça falta à sedução da cidade sedutora a tua amorável fascinação. Seria imodéstia, seria ridículo que o pensasses... Mas sempre lhe trará um doce encanto a mais; qualquer cousa como é, por exemplo, na superfície azul dum vasto mar de estio, a graça leve, a graça quási alada, da espuma alvíssima onde os olhos repousam ...

Louvor a S. Paulo

Louvor a S. Paulo

—Então, S. Paulo?

—Simplesmente admirável. É a mais delicada flor de intelectualidade, crescendo, viçosa, entre a mais intensa febre de progresso material que eu jamais observei. É uma cidade civilizadíssima, que só deseja ser cada vez mais civilizada. Cada vez mais! Nunca tive palavras de elogio, para qualquer das belas iniciativas, das belas cousas que via e admirava — que não me dissessem logo: — há tanta coisa que fazer ainda!

Ouvi esta frase ao presidente do Estado, que é, verdadeiramente, «the right man in the right place», o homem culto e moderno, o cérebro orientado, o talento superior, dirigindo uma população inteligente e activa. Ouvi-a a moços, ouvi-a a velhos, a pessoas com e sem responsabilidades oficiais, até a

simples operários! É uma ambição geral: e absolutamente «sui-generis», pois é raro o povo civilizado que não esteja vaidoso da sua civilização e não queira repousar do que já fez...

— Viu, decerto, muitas escolas?

— Procurei ver, com cuidado, e com a maior demora possível, tudo o que dizia respeito a ensino normal primário e profissional. E fiquei maravilhado. A Escola Normal, dirigida pelo Dr. Óscar Thompson, seria uma escola modelar em qualquer parte do mundo. Nem na Inglaterra, nem na França, nem na Bélgica — países que, em matéria de ensino, eu conheço bem — obtive uma lição maior. A comparação com a Suíça impõe-se; a lembrança dos Estados Unidos da América do Norte vem-nos perseguir. Mas há muita novidade na orientação pedagógica na Escola; o Dr. Thompson é uma mentalidade vigorosíssima e possui um entusiasmo ardente pelo ensino e pela educação. A sua aula de prática pedagógica, por êle criada, por êle inventada, dá extraordinários resultados. E o seu espírito sente-se em toda a escola: a mesma devoção pelo ensino anima todo o professorado, desde as distintíssimas professoras do Jardim da Infância, até os mestres do Curso Normal Secundário. Não posso, nem devo citar isoladamente nomes e cursos: — tudo era bom. Mas uma «aula de números» a que assisti, no Jardim da Infância, e uma aula de português, no curso normal secundário, impressio-

naram-me fundamente, pela sua novidade de métodos e pelos seus resultados...

— E a aula de culinária?

— Essa constitui uma bela aprendizagem para dona de casa. No chá que, muito amavelmente e hospitaleiramente lá me ofereceram, eu não só apreciei os bolos soborosíssimos confeccionados pelas alunas, como sobretudo, o espírito de trabalho e de disciplina, e o ambiente familiar que entre elas existia. Interessantíssimo e muito útil.

— O ensino primário, achou-o bom?

— É muito bom e nem podia deixar de sê-lo. Uma Escola Normal é a *alma-mater* do ensino, desde que realize a sua missão. Dali saem todos os professores. E o professor é tudo, ou quasi tudo, no ensino. Só maus professores se sujeitam a más instalações e a maus processos pedagógicos... Ora, da Escola Normal de S. Paulo, não podem sair senão professores, e professoras bem orientados e conhecedores da sua nobilíssima profissão».

— Verificou êsse facto?

— Sem dúvida. Nos grupos escolares do Carmo e do Brás, verifiquei-o com facilidade. O carinho das mestras e dos mestres, a alegria das crianças, a atmosfera de ternura que ali se respirava — deram-me a prova mais flagrante de que S. Paulo sabe compreender a grave importância desta acção que tão mesquinha parece a cérebros sem grandeza: — educar e ensinar uma criança. Nunca ob-

servei que em nenhuma das suas escolas se sacrificasse o ponto de vista educativo, como sucede em França, por exemplo ao ponto de vista puramente do ensino: sempre, sempre o ensino é lá tomado como uma das componentes da educação integral do aluno. Nós todos, que andamos um pouco enfronhados nos problemas pedagógicos, sabemos quando e como é difícil a realização dêsse desideratum. Dificílimo.

— E as escolas profissionais?

— Calcule V. que cada uma delas — a masculina e a feminina — tinham seis meses de existência quando as visitei. Seis meses! Pois nesse pouco tempo, os seus directores, que honram e prestigiam o ensino em S. Paulo, organizaram duas escolas que são perfeitas. Como sabe, o alcance social de tais iniciativas é grande: — fornecendo às classes populares um instrumento de trabalho honesto combatem a prostituição e elevam o nível moral e intelectual do povo. Pois as duas escolas profissionais de S. Paulo — onde tive a satisfação de ouvir os seus directores elogiar um português ilustre: Tomás Bordalo Pinheiro, que se tem dedicado carinhosamente à especialidade — cumprem por completo a sua missão. Mais se vão fundar — segundo me disse o Secretário do Interior — e essa é a melhor demonstração dos resultados que se estão obtendo com tais instituições...

— Conheceu muito o elemento oficial?

— Muito. E estou gratíssimo a todas as amabilidades de que fui alvo. Devo ao secretário do Interior, Dr. Altino Arantes, as facilidades com que fui recebido em todas as dependências do seu Ministério. E devo-lhe também alguns momentos de palestra inteligentíssima e profunda, que nunca esquecerei. E um verdadeiro ministro. Ao director da Instrução Pública, ao inspector que me acompanhou na visita às escolas, e que tão culto é, igualmente sou devedor das maiores atenções. Mas a maior foi, por certo, o permitirem que eu tivesse momentos de tão sincera alegria espiritual, vendo as maravilhosas escolas do seu Estado.

— Falou com o Presidente?

— Tive essa honra. É um velho que parece moço, tão grande é o fulgor do seu talento e a mocidade da sua alma. Representa bem a cidade da cultura e do progresso. Tanto êle como o Dr. Oscar Alves, seu filho, quizeram mostrar ao simples poeta que eu sou um aprêço que só a Poesia merece...

— Não visitou mais escolas?

— A Academia de Direito e o Conservatório. Na Academia, carinhosos estudantes e professores confundiram-me com imerecidas amabilidades. No Conservatório, Gomes Cardim, seu director e sua alma mostrou-me o funcionamento de várias aulas: vi alguns alunos e alunas representarem. Extraordinário! O Conservatório é uma resultante de incalcu-

láveis esforços, de inteligência, de persistência, de força de vontade, que nem se podem avaliar bem, agora que êle está feito, e que triunfa.

— E viu alguma fazenda?

— A de Santa Cruz, da família Prado. O meu amigo, Dr. Paulo Prado, gentilmente me proporcionou êsse passeio, e imagine o meu espanto — você que sabe como em Portugal a gente conhece pouco o Brasil — quando, para ir até o interior — ao terrível interior do Brasil!... — me achei instalado num confortável salão da estrada de ferro! À chegada, o meu espanto aumentou — pois via uma fazenda civilizadíssima, onde os colonos são admiravelmente tratados, onde as comodidades são completas, onde até a floresta quási insondável, que está perto, é atravessada por um belo caminho! Compreendi bem o valor da energia audaciosa e forte que faz do Brasil um tão grande e tão belo país...

— Deixou, então, S. Paulo com saudades?

— Muitas... Olhe: despedi-me de S. Paulo, como quem se despêde dum irmão mais velho, dum irmão que protege, ensina — e abraça orientando, aconselhando, animando para o duro combate da existência...

O meio intelectual no Rio
e em S. Paulo

O livro intelectual no Rio
de Janeiro

O meio intelectual no Rio e em S. Paulo

Quando, há pouco mais de três meses, cheguei do Rio de Janeiro, ainda fremente de entusiasmo pela prodigiosa intensidade de vida que nessa cidade e em S. Paulo observara — logo encontrei várias e conselheiras pessoas, mais ou menos eivadas de literatura, que scépticamente sorriram do meu entusiasmo e superiormente duvidaram das informações que eu tinha colhido e com imparcial sinceridade lhes comunicava. Para elas, o Brasil não poderá ser nunca mais de que um bom mercado de livros, ou, dum modo geral, um óptimo campo de acção para ganhar dinheiro. Nada mais!...

Claro que o Brasil é, na verdade, um admirável mercado e um magnífico campo de acção para toda e qualquer forma de energia. Quem o negará? País novo, exuberante de seiva, prehe de fôrças laten-

tes, que dia a dia se vão efectivando, cheio de crença no seu futuro e possuidor de recursos que por completo justificam essa crença, mas de população deficiente em comparação com o seu território imenso (faltam-lhe aproximadamente 130 milhões de habitantes para que todo êle possa ser aproveitado e explorado), é naturalíssimo que permita às mais variadas actividades largos e compensadores triunfos. Simplesmente, o Brasil não resume os seus merecimentos nessa, aliás promissora, oferta de benefícios e vantagens materiais.

Já lá vai o tempo em que as longínquas e riquíssimas terras de Santa Cruz serviam unicamente para alimentar a preguiça, o luxo e o fatalismo ingénito da gente portuguesa. Hoje, elas constituem uma nação progressiva e forte, com numerosos centros de cultura mental, onde todas as questões que interessam o pensamento humano apaixonam um vasto público, que se julgaria inferior e desprezível se delas se não ocupasse e preocupasse. Governantes e governados, homens de acção, escritores, artistas e sábios, todos ali procuram realizar uma civilização verdadeiramente moderna e intensamente intelectual. Ao lado duma assombrosa vertigem de progressos materiais, verifica-se um enternecido e vivo culto pela inteligência e por todas as manifestações literárias e estéticas. Se não se pode deixar de dizer que um dos caracteres da civilização brasileira é o americanismo industria-

lista, deve também reconhecer-se que essa civilização é bem manifestamente latina, pelo respeito que lhe merecem as concepções do espírito, as vitórias do cérebro sobre a materialidade bruta. O que fez a popularidade enorme, que eu tive ocasião de observar, dum Lauro Muller, ou de um perfeito Passos, dum Nilo Pessanha ou dum Oswaldo Cruz, autores e propulsores das grandes obras de saneamento e de embelezamento do Rio de Janeiro, não foram só os serviços patrióticos destes homens ilustres, nem a rapidez e a perfeição com que elles conseguiram dar vulto às suas ideias : foi também a admiração por essas mesmas ideias ; isto é, a admiração pelo exercício desinteressado do poder inventivo, da inteligência criadora.

João do Rio, o arguto, subtil e exacto analista da vida brasileira, bem o deixa entrever em alguns dos seus volumes admiráveis, apesar de toda a graciosa ironia que vela discretamente a paixão que elle não pode esconder pela sua terra natal. É tão grato ao coração dos brasileiros celebrar, louvar, cantar o pensamento que imagina, combina, cria ou calcula, como o braço que executa, constrói ou edifica ; ou mais ainda, talvez... Esta faculdade, filha talvez dos seus múltiplos cruzamentos ou do meio que o obrigou a vencer a natureza para não ser vencido por ella, conservando-lhe no emtanto, pelo esplendor ambiente, o desejo do sonho e da beleza ; esta faculdade, repito, confere-lhe uma no-

breza e uma distinção instintivas, que tornam a sua convivência absolutamente encantadora.

Os próprios políticos não desdenham, como tantos entre nós, da arte e dos artistas, da literatura e dos homens das letras. Nisto, parecem ter seguido a escola da França. Sabem, decerto, o que representa para a supremacia dum povo a glória literária e artística.

Lauro Muller, de que há pouco falei e que foi o sucessor *lógico* de Rio Branco no Ministério das Relações Exteriores. tem uma consideração pelos intellectuais que não oculta e de que se vangloria, mesmo. O antigo presidente do Estado de S. Paulo, o eminente Rodrigues Alves, ama comovidamente a poesia do seu país e a nossa. E isto não o impede de ser um maravilhoso administrador do seu Estado.

A maioria dos deputados e dos senadores, tanto no Rio como em S. Paulo, fazem gosto em declarar a sua devoção, quando não é o seu fetichismo, pelos escritores e artistas.

Nomes como os dos políticos Freitas Vales e Herculano Freitas são conhecidos de todos os talentos que passam pela cultíssima Pauliceia. O primeiro é um Mecenas esclarecido e carinhoso, que vive as suas melhores horas entre os quadros do autêntico museu de pintura, que é a sua casa. E tantos, tantos outros! Basta dizer que o facto de se ter triunfado nas letras é um título valiosíssimo para se triunfar na política.

Não cabe aqui dizer se isso é ou não vantajoso. Mas é uma demonstração segura do que afirmo. E os casos de Coelho Neto, o prosador fecundo e célebre, o contista extraordinário e original, e de Augusto Lima, o poeta severo e rude, mas de tão nobre e bela inspiração, ambos deputados federais pela simples influência do seu nome literário, são mais que suficientes para comprovar essa demonstração — de maneira iniludível.

De resto, esta influência do prestígio literário é comum a quâsi todas as classes sociais. A simples declinação do nome de João do Rio na alfândega carioca valeu-me as maiores facilidades por parte do funcionário encarregado de revistar as minhas malas, quando as lá fui tirar, acompanhado por êsse meu querido amigo. E êste um pequeno detalhe, talvez sem grande importância, mas que se me afigura particularmente elucidativo e concludente. Sobretudo, se a compararmos com o que tantas vezes sucede entre nós...

Há uma *blague*, que consiste em dizer que toda a bagagem mental do fluminense se contém no vasto *Jornal do Comércio*, que é o *Times* brasileiro.

É uma *blague* inofensiva e sem possível apoio na realidade. O *Jornal do Comércio* representa, com efeito, quâsi uma enciclopédia. Mas, exactamente por isso, mostra que o público que o lê tem necessidades intellectuais, que a mera fôlha noticiosa não satisfaz. Que essas necessidades existem,

provam-no também os outros jornais do Rio e de S. Paulo. As questões literárias, pedagógicas, filosóficas alimentam as colunas de toda a imprensa. Veja-se o próprio *País*, que não quer abandonar os velhos moldes jornalísticos, como é interessante e variado de leitura! E a *Gazeta de Notícias*? Todos os domingos publica um suplemento literário, todas as sextas-feiras uma página dedicada às *Artes e Letras*. Nela se podem ler produções da maior parte dos jovens escritores e poetas do Brasil e obter assim uma noção das tendências que os dirigem, da orientação em que se encaminha o pensamento das últimas gerações.

¿Deve-se esta organização à competência de Paulo Barreto, antigo director da *Gazeta*? Sem dúvida. Mas ninguém a poderia manter se ela não correspondesse às preferências do público e não representasse uma sólida razão de maior venda.

Estou apenas fazendo um rápido esboço do meio intelectual em S. Paulo e no Rio. Não é para aqui mesmo, um estudo longo e muito documentado. No entanto, creio não ser inútil citar ainda dois factos, a meu ver de indiscutível valor, para melhor definir a superioridade dêsse meio. Um, é a intervenção da Academia Brasileira de Letras na venda da casa em que viveu Tomás António Gonzaga, o *Dirceu* da imortal e doce *Marília*. Os poderes públicos dispunham-se a vendê-la em hasta pública, quando a Academia impediu, por meio duma re-

apresentação ao governo, essa lamentável profanação. Aqui, a Academia de Ciências de Lisboa, que representa a única tradição oficial da nossa intelectualidade, é quasi inteiramente desprezada...

Num diploma dum dos governos transactos, sobre o centenário da tomada de Ceuta, a Academia vinha em terceiro lugar, entre outras entidades encarregadas de organizar a patriótica celebração!

Não vale a pena insistir na comparação desagradável...

O outro facto é a concorrência extraordinária, que eu verifiquei, ao *Salão Nacional de Belas Artes*, no Rio. Concorrência espantosa e inteligente. Os quadros de Visconti, de Baptista da Costa, mestres consagrados; de Gutman Bicho, Álvaro Teixeira, moços de futuro radioso, e de tantos outros, velhos ou novos, de talento prometededor, ou já incontestável, eram admirados ou criticados com interesse enorme. Sentia-se em toda aquella gente, que continuamente afluia à exposição, um carinho comovedor, uma solicitude enternecida pelas obras dos seus compatriotas. Carinho e solicitude que davam à atmosfera da sala um conforto, um *agasalho* entre os quais era bom ficar, e que constituíam o melhor estímulo para os artistas que ali vinham desnudar, ante o público justiceiro, os mais altos e mais queridos sonhos da sua febre creadora.

E eis precisamente os característicos supremos

do meio intelectual brasileiro: — agasalho, conforto espiritual e estímulo constante para trabalhar. Estímulo, sobretudo. ¿ Às vezes exagerado, às vezes mal cabido? É possível. Para se ser incondicionalmente justo, dever-se há chamar à civilização brasileira uma civilização impetuosa, e como tal, falha, aqui e acolá, de certo espírito crítico. Mas abençoado ímpeto, abençoado estímulo! Duplamente abençoado, até, para nós, portugueses. Pois que êle foi sempre amorável e fiel aos nossos grandes escritores, cada vez mais considerados irmãos, amigos ou mestres, pelos seus camaradas fraternais do grande Brasil literário.

Literaturas gemeas

LITERATURE

Literaturas gêmeas

I

É uma velha, quási sedição banalidade, dita, escrita e repetida em todos os jornais de aquem e de além Atlantico, a afirmativa de que entre Portugal e o Brasil existem laços indestrutíveis de mútuo respeito e de estima recíproca. Muitos escritores a têm expresso com maior ou menor felicidade; muitos cronistas a têm tomado para assunto das suas crónicas; e até alguns poetas — entre os quais, se me dão licença, me contarei — encontraram nesse tema inspiração para as suas odes ou para os seus hinos. Simplesmente, êsse mútuo respeito e essa estima recíproca só agora começam a ser realidade, autêntica e definitiva realidade. Entre portugueses e brasileiros observou-se apenas, durante muito tempo, ou indiferença, ou frieza — quando não era ódio... Todos sabem que assim acontecia. E não

insistirei, portanto, neste facto, cuja evocação e lembrança ninguém, decerto, pode achar agradável, e que seria, de resto, perfeitamente inútil...

Sobretudo neste momento, em que uma franca, sincera, cordialíssima amizade se estabeleceu entre os dois países fraternos, que fraternalmente devem viver e amar-se. Penso que à República se deve, entre nós, grande parte desta boa vontade e admiração pelo Brasil, que tão nobremente a acompanhou desde os seus primeiros passos. A razão política não basta, porém, para explicar esta atitude, que não é só de govêrno para govêrno, mas também de povo para povo, de nacionalidade para nacionalidade. Outras razões é preciso invocar, e entre elas uma avulta e domina: — a propaganda do Brasil feita a todo instante, a toda a hora, pelos portuguezes cultos que aí residem; e, também, a propaganda de Portugal, aí realizado pelos mesmos portuguezes. Citar nomes, para quê? ; Quem desconhecerá a acção de Ricardo Severo, o erudito notabilíssimo, o espírito superior, que em S. Paulo soube impor-se ao respeito de todos e que na sua pátria é tão admirado e querido? ; Quem ignorará que êle, e o Dr. Bettencourt Rodrigues, — outra intelligência de excepção, — têm trabalhado para o melhor entendimento dos dois países? Já nem quero falar da missão portuguesa que em tempos foi ao Brasil, e cuja organização se deve a êsses dois homens ilustres. Basta-me apenas lembrar

o que ambos êles, pela imprensa, pela conferência, pelo livro, não se fatigam nunca de proclamar: — a necessidade absoluta de unir cada vez mais os interesses e os ideais, tão semelhantes, das repúblicas irmãs.

Dez, cem outros propangandistas, de menos valor, têm aparecido, aparecem sempre. Uns com modesta simplicidade, outros com retumbância e brilho. Na sua maioria propagandistas de acaso. Se dantes, com efeito, o português que voltava do Brasil não tinha senão palavras de aborrecimento ou de ingratidão para a terra onde ganhara a sua independência económica, os tempos mudaram: — e cada transatlântico que hoje atraca a Lisboa traz, naqueles que de lá voltam a repousar das suas fadigas e do seu esforço persistente e rude, admiradores carinhosos da vida, da sociedade, da civilização brasileiras. Vai também sucedendo o mesmo com os brasileiros que visitam Portugal — porque já começam a ser raros os viajantes de além-mar que, chegados ao Tejo, não desembarcam, perdido o antigo receio de que a descida em terra de nada valeria, quer como divertimento ou pitoresco, quer como ensinamento. Há mesmo quem saia daqui positivamente encantado. Não o acreditam? Cito alguns exemplos célebres: — Olavo Bilac, Paulo Barreto e D. Júlia Lopes de Almeida levaram de Lisboa as mais enternecidas e amoráveis impressões. Coelho Neto, na sua rapidíssima

passagem — tão rápida que nem deu ocasião a que os nossos intelectuais lhe prestassem a sua homenagem, como tanto desejavam — mostrou-se simpaticamente agradado do que pôde observar. Nenhum dêstes escritores notáveis deixará de dizer bem de nós, como já o fez Paulo Barreto, num livro delicioso de emoção e eutusiasmo.. Nenhum ! E, se dos observadores extraordinários que êles são, passarmos aos observadores mais vulgares, creio não errar demasiadamente afirmando que a sua opinião nos é favorável, pois muitas são as famílias brasileiras que, vindo fixar residência dêste lado do oceano tendo, como destino, Paris, Roma, Londres ou Berlim, param em Lisboa para ver a cidade e ficam a contemplá-la... o resto da vida !

Todos estes factos, de desigual importância, mas todos convergindo para o mesmo fim, criam uma atmosfera de carinho e de atenção que dantes não existia. Não me atrevo a tentar uma explicação dos motivos vários que presidem a êste fenómeno, de tão grandes e fecundas consequências para o futuro das duas nações. Contento-me com a enorme satisfação de verificá-lo. E no meu contentamento vai também um pouco, para não dizer muito, do meu interêsse de escritor pela literatura do Brasil.

Este interêsse que, durante um larguíssimo período, só teve a despertá-lo e a acompanhá-lo o affecto que Manuel de Sousa Pinto — prosador por-

tuguês nascido no Rio de Janeiro — mostrou sempre pelo movimento literário da sua pátria longínqua; êste interêsse chega hoje a parecer mínimo — êle que tão intenso e tão profundo é — ao lado da curiosidade impetuosa que todo o Portugal novo, que lê e pensa, manifesta agora pela arte e pela cultura daí. Não há talvez quinze anos que os acontecimentos que se davam no domínio das letras brasileiras nos deixavam quasi zombeteiros, como se não acreditássemos que êles tivessem existência real. Um dia, no emtanto, Olavo Bilac appareceu-nos, através duma obra maravilhosa de talento, de lirismo, de graça moça e perene. Foi uma revelação — que as gerações novas receberam ávidamente e que rápidamente alastrou por todos os meios cultos. Em seguida a Bilac — veio toda a poesia, todo o romance, toda a crítica... Vibrámos com as intellectualidades que tão belas obras produziam; sentimos pulsar os nossos corações com os mesmos sentimentos que agitavam os corações de além-mar. E nunca mais deixamos de apreender, de auscultar a vida literária que no Brazil floresce e que sabemos forte, seivosa e rica. Tanto assim, que a festa oferecida há poucos meses a Bilac, no Rio de Janeiro, foi aplaudida por todos nós, como se fosse feita a um dos nossos poetas, como se nós também a devêssemos — e realmente devemos — ao génio admirável dêsse prodigioso lírico...

Quando outra «ponte», quando outro «caminho»

nos não ligasse ao Brasil — êste bastaria, decerto. Pela literatura estabelece-se sempre um contacto de almas, de mais seguros efeitos e de mais duradoura influência que certas ligações económicas, industriais ou comerciais. Não quero dizer que estas se desprezem... Mas precisamos não esquecer que, como disse o Poeta, as ideias pairam sobre o torvelinho humano, iluminando-o e orientando-o. As ideias e as emoções elevadas, claro. Ora, para que entre Portugal e Brasil se intensifique e aumente a sólida amizade que nesta hora os prende já, torna-se indispensável que todos os trabalhos, todos os esforços tendentes a efectivar essa magnífica aspiração, se façam à claríssima luz duma íntima confraternização intelectual, pairando sobranceira às pequenas intrigas, aos pequenos desacordos, aos pequenos conflitos, que porventura se possam dar no âmbito das preocupações e das ambições puramente materiais. ¿ Ou será isto uma quimera, uma utopia de sonhador que a literatura exalta e alucina? Não o creio, e vou tentar prová-lo.

II

Afirmei, nas páginas anteriores a urgente, absoluta necessidade de tornar cada vez maior a confraternização literária que já existe entre os dois países. Esse estreitamento de relações intelectuais não traria senão vantagens. Criaria, pelo menos, uma atmosfera de intensa simpatia para a discussão e solução de todos os problemas que interessam à amizade e às conveniências múltiplas, e recíprocas, das nações fraternas.

Esta afirmativa é de tal modo clara e corresponde a uma verdade tão facilmente verificável que chega a ser um «truísmo». Ainda há pouco, no intuito de combater o desconhecimento que existe entre a França e a Espanha, se fundou um jornal em Paris, cujo fim era unicamente tornar melhor conhecidas, uma da outra, as mentalidades vizinhas.

Podem citar-se mil casos como êste. A intelligência não desiste nunca da sua função de orientadora, de propagadora, de iniciadora... Deixarei, portanto, de demonstrar a minha afirmativa. E procurarei antes indagar se o afastamento, que durante tanto tempo se manteve entre a literatura brasileira e a literatura portugueza, deriva dalguma causa fundamental ou congénita, — permitam-me o termo — e não apenas de causas fortuitas e removíveis. É que, se houvesse realmente motivos profundos, graves e íntimos que explicassem êsse afastamento, teríamos então de considerar como inexequível a confraternização intellectual que tanto defendo, e que só em bases sólidas, e comuns aos dois povos, deve assentar. E isso mudaria inteiramente o aspecto da questão que debatemos.

Eu sei, sei muito bem que muita gente achará o meu escrúpulo, a minha hesitação perfeitamente infantis, sem cabimento e sem justificação. E que o velho argumento de que nós, brasileiros e portugueses, falamos a mesma língua é, para quasi todos, mais do que sufficiente para a nossa desejada intimidade espiritual. Parece-me, porém, que êsses argumentos e os outros já conhecidos — como o facto de ser o Brasil, segundo uma frase célebre, a melhor criação de Portugal, fórmula que resume e sintetiza as mais conhecidas razões de apoiar e defender o nosso mútuo entendimento — não bastam. Ou, se bastam, carecem de interpretação con-

veniente e não apenas de servir de «leit-motiv» nos documentos oficiais e nos discursos dos oradores.

Com efeito, para provar que entre as duas literaturas deve logicamente existir uma estreita camaradagem, um laço estreito e sólido, temos de saber primeiro se um mesmo sentimento as anima, se uma mesma característica as liga e irmana. A língua em que os escritores de aquê e alê-Atlântico se exprimem, porque é só uma, pode ter dado às almas duns e doutros certas «nuances» semelhantes, como o manejar de instrumentos iguais empresta a corpos diversos atitudes idênticas. Não alcança, porém, a estrutura secreta e essencial do organismo, nem desfaz antagonismos de ideias, de ideais ou de emoções que porventura se verifiquem. De mais a mais, aconteceu que no momento em que a autonomia do Brasil começava a desenhar-se, a acentuar-se mais, — nos fins do século XVIII — o influxo literário que, de qualquer modo, nós lhe transmitimos, era infelizmente desnacionalizado, insignificativo: — a invasão do espírito arcádico, so-
lene e artificial, tinha, como se sabe, reduzido as letras portuguesas a uma pomposa procissão de lugares-comuns e de banalidades pastoris ou mitológicas. Estávamos sem vitalidade, sem brilho, sem poder de sugestão. E em face de poetas e de prosadores vivendo entre uma natureza riquíssima e forte, num clima ardente e fecundo, natural era que essa falta de vitalidade e de brilho mais se fizesse

sentir, maior parecesse ainda, — sintoma de fraqueza talvez irremediável, talvez invencível para todo o sempre...

E deu-se o que fatalmente tinha de dar-se, e que aliás, mais cedo ou mais tarde, se realizaria: — uma literatura nítidamente brasileira começou a surgir em terras de Santa Cruz. Sílvio Romero, o espírito cultíssimo e o erudito consciencioso, analisou êste momento separatista com grande lucidez. Desde essa hora, os destinos, literários e artísticos, dos dois povos podem considerar-se totalmente diferenciados.

Mas diferenciados — de que maneira? Por uma contrária concepção da vida? Por um antagonico idealismo? Por alguns caracteres opostos e irreconciliáveis? Não o creio. O sangue que palpita e freme nas obras-primas dos artistas brasileiros é aquele que faz viver e vibrar os livros dos nossos autores. Um mesmo coração parece pulsar através das duas literaturas. E a gente já se não admira de notar em poetas máximos como Olavo Bilac, como Alberto de Oliveira, ou como Vicente de Carvalho, os vestígios claros e certos do sentimento e da arte de Camões, Deus tutelar e inspirador...

Plágio? Imitação? ; Quem se atreveria a dizê-lo, sem incorrer logo na acusação de imbecil ou de louco? Há, unicamente, uma aspiração estética que, tradicionalmente, se conserva e transmite nas literaturas dos dois povos. Entre êles encontramos,

sem dúvida, mil distinções a estabelecer. Mas, no fundo, o mesmo carácter que sempre deu originalidade e personalidade à evolução literária portuguesa: — «o lirismo», domina e orienta a evolução literária do Brasil. O amor e a dor, a tristeza e a alegria, são encarados sob a mesma modalidade emocional nas duas distantes margens do Atlantico. Nós choramos, sorrimos, amamos e cantamos como o fariam duas almas paralelas, duas vozes em unísono, duas sensibilidades alimentadas por desejos concordantes e concordantes idealismos. E esta é a suprema indicação, o supremo estímulo para combatermos sempre, e cada vez mais, pela aproximação literária, ou melhor, intelectual das duas Pátrias. Adquirindo uma perfeita consciência do nosso parentesco de aspirações e de sensibilidade, — parentesco que nem as condições do meio, nem o cruzamento de raças várias, nem a legítima, e já conseguida, ambição de completa independência mental, têm feito renegar ou esquecer — adquirindo essa consciência, repito, ganharemos uma maior confiança na facilidade de «entente» entre o Brasil e Portugal, e, com a confiança, a fé serena dos apóstolos que sabem defender o seu ideal, por que sentem e acreditam que êle representa a verdade profunda e necessária à vida...

A nossa propaganda a favor dessa «entente» tornar-se há logo singularmente fácil e obteria, decerto, o mais belo e decidido triunfo. Não a faremos só com

boa vontade dêste ou daquele propagandista ; não a faremos só pelo impulso ou pela autoridade isolada de qualquer personalidade ilustre ; antes como um movimento colectivo, um vasto movimento em que todas as energias terão de esforçar-se, em que todos os esforços se unirão, se entrelaçarão, libertos de intenções interesseiras e de cálculos mesquinhos. E, depois, conhecidas bem uma da outra as almas dos dois povos, compreendido, desvendado que os seus mais secretos instintos e as suas mais invencíveis inclinações possuem a mesma tonalidade, surgem com a mesma fisionomia familiar — nada mais é preciso para tornar simples, leve e rápido a tarefa dos representantes — oficiais ou não — de qualquer dos dois países, que entre êles procurem cimentar a amizade, ainda hoje um pouco incerta, e a simpatia, ainda hoje um pouco desorientada. Pois encontrarão apenas, para convencer e persuadir, não inimigos nem indiferentes: — mas homens convencidos de representar, quer sejam brasileiros, quer sejam portugueses, um idêntico sonho de futuro e uma igual concepção da existência, da beleza, do dever e do trabalho ; de tudo, emfim, que alimenta e molda o nosso ser íntimo e profundo : quer dizer — a nossa sensibilidade e o nosso carácter...

Uma noite de arte

Uma noite de arte

Aquele dia tinha sido, evidentemente, consagrado pelo destino à literatura! Logo, pela manhã, conhecera e admirara, por entre o movimento tumultuoso da Avenida Central, o grande e severo poeta Alberto de Oliveira, com quem eu havia de passar, semanas depois, um serão de encanto, ouvindo-o ler alguns dos seus maravilhosos e profundos poemas, de forma tão estritamente parnasiana, mas de inspiração tão romântica e tão essencialmente meridional. À tarde, fôra recebido com inolvidável carinho pela Academia de Letras, a sociedade ilustre onde paira ainda o nobre e fino espírito de Machado de Assis, seu fundador, e onde uma simpatia enorme pelas letras portuguesas se adivinha, se pressente. Ali tive a honra de apertar a mão a alguns dos mais eminentes escritores de além-Atlân-

tico, que não precisavam da imortalidade e da consagração académica para serem, de facto, imortais e consagrados. E à noite ia ser apresentado a um dos grandes romancistas do Brasil, a Sr.^a D. Júlia Lopes de Almeida, a psicóloga subtil da *Intrusa*, a poderosa novelista da *Falência*, a admirável prosadora do *Cruel Amor*. Como se vê, tendo partido de Portugal com a tenção bem firme de conhecer os intelectuais brasileiros, não perdia de todo o meu tempo...

Quem me levava a casa de D. Júlia Lopes de Almeida era o meu amigo João Foca, na literatura *séria*: Baptista Coelho. E bem sério que eu o achava nessa noite, quando, depois de jantar, nos dirigíamos para êsse lindo bairro de Santa Teresa, onde mora a escritora célebre. O costumado humorismo, a graça esfuziante, e inédita sempre, que esmaltava a sua conversa e que dava à sua convivência todo o sabor dum espectáculo permanente, desaparecera. A sua voz era respeitosa, as suas palavras mais respeitosas ainda. É que me falava dêsse lar de eleição, onde, pela primeira vez, eu ia ser acarinhado, dessa família adorável que é a família de D. Júlia: o marido, Filinto de Almeida, poeta delicado e forte; o filho mais velho Afonso Lopes de Almeida, que segue e quási ultrapassa o talento de seu pai; o outro filho, Alberto, caricaturista exímio e originalíssimo, cujo traço tem a precisão reveladora dum conhecedor de almas; e as

duas meninas, ambas tão simples e elegantes de maneiras, a mais nova das quais é uma pianista exímia, compondo, criando já, em horas de sentimento e de febre, pequenos trechos musicais de intensa, de harmoniosa emoção. Família excepcional, na verdade, em que a arte é um laço a mais prendendo aqueles corações que se adoram e se estimam, com o poder indestrutível duma aspiração superior!

Era bem natural, pois, que João Foca usasse de respeito ao referir-se a êsse *lar de artistas*, como lhe chamou João do Rio.

O ascensor que nos conduz à Santa Teresa, pára mesmo à porta de D. Júlia. Enquanto, depois da nossa descida, êle continua cortando o silêncio da estrada com o arrastar ríspido das rodas sôbre as calhas, nós entramos no jardim que cerca a morada acolhedora. A noite, de chuva, coalha tudo de sombras. Mas o marulho das árvores e o suspiro fugidio das gotas de água caindo sôbre as fôlhas dão a sensação inefável de que há, naquela casa, o embalo da natureza, fecundo como nenhum outro para o trabalho e para o sonho... Deviam ser assim todas as casas dos artistas! Os ritmos dos bosques ou do Oceano ainda são os melhores para acertar a cadência das frases e dos versos...

Mergulhando na luz do *estudio*, onde João Foca me introduziu, e passado o constrangimento das apresentações, uma grande simpatia acorda ime-

diatamente em mim por todos os que me recebem. Não sei o que é, não se pode definir. Mas o ambiente é um ambiente de intelectualidade e de serena vida moral; e das palavras e dos gestos das pessoas, e da própria disposição das cousas, vem uma reconfortante paz, uma certeza de que nunca poderá haver ali hostilidade ou incompreensão para qualquer preocupação levantada, ou para qualquer ambição dignificadora. Sinceramente o confesso: nunca, em parte alguma, fóra dos momentos em que escrevo os meus poemas, me senti tão poeta como nas breves horas que passei em casa de D. Júlia Lopes de Almeida. Em geral, o público assusta-me, e receio sempre dizer, em voz alta, os meus desejos e as minhas aspirações de artista. Calo-me por isso; e o silêncio, neste caso, é uma retratação, quasi. Ali falei como falaria ao meu melhor e mais íntimo amigo; e não tive receio de que duvidassem da minha sinceridade, que me julgassem exagerado ou excêntrico, de que me chamassem utopista. O meu lirismo sentia-se, na verdade, em boa, em óptima companhia...

Suponho até que me entusiasmei e que falei demais. E eu estava ali para ouvir, sobretudo. Queria que D. Júlia Lopes lê-se uma página sua, inédita. Queria ouvir versos inéditos aos dois poetas, ao pai e ao filho. D. Júlia, com essa modéstia singular que, segundo penso, não a deixa perceber que toda a família vive agrupada à volta dela, na

admiração enternecida pelo prestígio deslumbrante do seu génio, recusa-se ao princípio: «Que eu ouvisse os poetas!», ainda admite. Mas ela lê tão mal... Estabelece-se uma transacção: começaremos pelos poetas, mas depois...

Filinto de Almeida, com a sua face glabra, o seu ar bondoso, e a perpétua agitação do seu olhar, abre o manuscrito do seu futuro livro, prestes a sair...

O livro é muito bom: a riqueza de ritmos e a originalidade de imagens junta-se a uma grande nobreza de inspiração. Alguns dos assuntos que prefere são puramente sociais: e é com infinita arte que êle consegue tirar todo o aspecto didáctico às poesias fortes em que os celebra.

Mas, apesar de tudo, os seus versos líricos são os melhores, sendo perfeitos. Insistentemente obriga-o a ler soneto sobre soneto, enlevado na música cristalina dos seus versos. Filinto, no entanto, está impaciente: olha a cada momento para o filho e mostra bem que deseja antes ouvi-lo do que ouvir-se a si próprio. Não o deixo calar, porém, sem que êle recite o seu soberbo *D. Quixote*.

.....

No entanto, quem o vir assim roto e estonteado,
Com o elmo extravagante e a incrível armadura,
Nas pugnans tanta vez batido e lapidado,
Cavaleiro o dirá — mas da Triste Figura.

Que importa? Sonha o herói, assim, grave e tristonho:
 E se o sonhar assim da insânia se avizinha,
 Êle é forte e feliz armado do seu sonho,
 E, sonhando, através dos séculos caminha.

Deixai-o caminhar assim mesmo, irrisório,
 Propugnando a Justiça e combatendo o crime:
 Deixai-o na ilusão do grande esforço inglório,
 Que a bizarra loucura é o que o torna sublime.

Não o acordeis jamais, deixai-o na ebriedade
 Do áureo ideal pertinaz que as máguas não consomem:
 Sonhar a Glória, o Amor, a Justiça, a Bondade...
 Só quem sabe sonhar é digno de ser homem.

«Só quem sabe sonhar é digno de ser homem!»

Eis o verso que define não só a Arte, mas a vida de Filinto, e que êle devia inscrever na sua porta de entrada, como um lema que indicasse ao viajante que era ela a entrada do sonho, sobranceiro às contingências e às decepções da vida. Lema que a todos os daquela casa decerto conviria, mas a nenhum como ao Afonso, sonhador exacerbado, infatigável, duma ingenuidade difícil de conceber e que é um dos poderosos factores do seu talento enorme. Já a sua cabeleira intonsa, a sua *gaforina*, onde parece ter passado o vento simbólico das alturas, lhe dá um aspecto de trovador romântico, perdido na febre industrial e mercantil da prática cidade do Rio de Janeiro. Os olhos têm um brilho doce de imperiosa e voluntariosa doçura. E os seus

gestos são largos, vastos, cortando o ar, abrangendo a terra, colhendo a vida com desejo e com ímpeto.

Entre os poemas que leu, um há que particularmente me lembra. Chama-se *O Homem*:

A alma forte e tenaz, que inda confia e espera
Impele-me a sonhar um vago ideal risonho,
E ando, ingénuo infeliz, de quimera em quimera,
De ilusão em ilusão, abismado em meu sonho!

Mas não basta sonhar. O espírito cansado
Foge à luta e um repouso impossível deseja...
Jámais encontrarei, no horizonte afastado,
O ideal por que me canso — e não sei bem qual seja.

Fosse eu árvore! Só, num repouso absoluto
De íntima calma, sem pesares, sem ideais,
Sugar do solo a seiva e transformá-la em fruto...
Nada mais desejar, não saber nada mais!

Forte, os braços erguer aos altos céus opacos,
Num esforço tenaz que as fadigas não vençam...
Na piedade feliz dos fortes pelos fracos,
Baixar da fronde vasta a minha vasta benção...

Sentir vibrar em mim uma alma forte e rude...
Ser infinitamente bom, ser todo amor...
Ser só consôlo e paz, só doçura e virtude...
Agasalhar, alimentar, dar sombra e flor...

Que idade tem o poeta que consegue pôr tanta
ansiedade nestas cinco estrofes cantantes e límpidas?
Vinte e dois anos. Como os seus camaradas

Álvaro Moreyra, Carlos Maúl, Hermes Fontes, Amadeu do Amaral, Homero Prates, Bueno Monteiro, Heitor Lima, Greco, Filipe de Oliveira — moços de incontestável valor, que honram e tornam já célebre a nova geração literária brasileira — Afonso Lopes de Almeida é, com efeito, muito novo. Pois bem : não desconhece nenhum dos mistérios da técnica da sua arte ; possui-a como um velho vate experimentado ; e tem, além disso, um poder de concepção e uma *mocidade*, uma frescura de invenção poética, que desde já lhe marcam um lugar de grande destaque na jovem literatura do seu país.

Creio que todos êsses pensamentos se lêem nos meus olhos, porque D. Júlia Lopes me propõe de novo que eu a dispense de ler, e me diz que melhor seria que continuássemos a ouvir o filho.

Quero, porém, sair dali com o viático supremo que de lá posso trazer : — a admiração por mais algumas páginas da romancista e escritora ilustre.

Faz-se um silêncio religioso. A voz de D. Júlia é um pouco velada e a sua dicção é nervosa, sacudida. Mas como é expressiva e reveladora !

Ela lia e eu sentia tornar-se ainda maior a velha admiração que sempre tivera pela autora da *Viúva Simões* e de tantas outras obras-primas. Assim, era aquela mulher, de tão modesto porte, tão feminilmente espôsa e mãe, a criadora viril de páginas imortais, que eu nunca lêra sem um fré-

mito de gratidão pela suprema alegria intelectual que elas me davam! Toda a noite se apagara, não falando de si, pondo apenas em destaque o talento do marido e do filho. Mas, logo que principiara a ler, julguei adivinhar que as almas de todos nós, que a escutávamos, se curvavam reverentemente ante a fôrça e a verdade da sua visão da existência, ante a graça e o encanto da sua imaginação e do seu estilo. Apareceu-me, realmente, como a directora espiritual de toda a família, como a sua figura mais representativa, como a expressão mais completa daquele lar de escritores e artistas...

Como acabou aquela noite? Não sei... Eu movia-me em pleno domínio da quimera. Lembro-me que tomámos chá, patriarcalmente, e que uma impressão de carinho se veio juntar a tantas nobres e levantadas impressões: senti-me rodeado da ternura afagante que só se encontra na casa portuguesa. Lembro-me que João Foca, bem disposto com a minha extraordinária boa disposição, recomeçou os seus *humorismos* infatigáveis e vertiginosos. Lembro-me também de que à saída, sob um céu todo estrelado, donde a chuva fugira já, eu caminhava tão embevecido na minha admiração e tão exaltado de sonho e de poesia que pisava, distraidamente, as poças de água, onde os astros se reflectiam, com o mesmo andar orgulhoso e firme com que pisaria as estrêlas do céu numa via-láctea de glória!

Paulo Barreto em Lisboa

Paulo Barreto em Lisboa

Paulo Barreto partiu ante-ontem de Lisboa, tendo-se demorado aqui apenas o tempo suficiente para fulgurar, deslumbrar — e deixar saudades. Desde a manhã de névoa espessa em que chegou ao Tejo até à manhã de sol discreto em que tomou o Sud Express para Paris — cinco dias escassos passaram, cinco breves dias em que não puderam ser maiores nem mais sentidas as manifestações de admiração e de aprêço que de todos recebeu. Como lho declarou, com afável sinceridade, o nosso Presidente da República, Paulo Barreto é muito querido e muito estimado entre nós; e não há intelectual ou artista português que desconheça o seu nome ou que não tenha lido algum dos seus livros evocadores, onde a vida espuma, borbulha, ferve com o ímpeto criador duma seiva sempre nova.

De todos os escritores modernos do Brasil, cujas obras vão sendo já espalhadíssimas aqui, é de certo João do Rio, com Bilac, Coelho Neto e Alberto de Oliveira, um dos que tem mais leitores e melhor soube impor-se aos seus camaradas de Portugal. Para dizer a verdade toda — impôs-se tanto que tem discípulos fiéis da sua orientação artística, discípulos que tentam obter (mas em vão!...) essa terna e ao mesmo tempo irónica visão da vida que tão inconfundivelmente caracteriza a sua obra inteira. De resto, para o tornar ainda mais simpático à opinião portuguesa, há o seu amor pelo nosso país — amor que resalta de tantas das suas páginas e que soube encontrar a forma perfeita, a forma definitiva de beleza e de encanto no admirável prefácio das *Canções e Fados de Portugal*.

Foi assim que a ida de Paulo Barreto à Academia de Ciências, onde o receberam com festivo acolhimento, deu lugar a que mais uma vez se celebrasse e louvasse a velha e certa amizade entre as duas nações irmãs. O autor da *Bela Mme. Vargas* foi saudado pelo presidente da Academia como um dos mais nobres representantes da mentalidade brasileira. E teve a alegria de reconhecer que essa saudação não era sómente uma deferência amável: — correspondia antes a um conhecimento exacto das suas obras, que naquele severo ambiente académico e tradicional, tão contrário à sua arte nervosa e moça, são lidas e amadas com respeito e inteligência...

Mas Paulo Barreto vinha evidentemente extenuado, fatigadíssimo de todo o formidável trabalho que tem no Rio. Assim, recusa mil convites que lhe fazem — e foge de aparecer nos bailes e nos jantares que lhe oferecem. Vê-se mesmo forçado a não aceitar um grande banquete de homenagem que os seus camaradas portugueses lhe queriam consagrar, e que seria presidido pelo grande poeta Guerra Junqueiro, e ao qual concorreriam as mais altas individualidades da arte e da literatura. No entanto, — êsse banquete vai realizar-se. E todos nós esperamos a passagem de João do Rio por Lisboa, antes do regresso ao Brasil, para o obrigar então a ouvir os discursos ardentes e a beber o *champagne* gelado, que não perdem pela demora!...

E sobretudo para o ouvirmos conversar largamente, com essa *verve*, essa graça, êsse imprevisto de imagens e de ideas de que é tecida a sua palestra — viva, animada e espirituosa como os diálogos da *Mme. Vargas*, ou como os contos do *Dentro da Noite*. Palestra que, sob uma aparência de preguiça, de tédio e de scepticismo, revela um extraordinário poder sôbre si próprio, uma constante vigilância sôbre os seus sentimentos íntimos e as suas secretas aspirações de homem forte, que sabe o que quer e sabe consegui-lo. Nunca observei, com efeito, que Paulo Barreto dissesse alguma vez o que não quer dizer, esboçasse alguma vez uma ati-

tude que não fôsse aquela que deveria ter no momento, ensaïasse alguma vez um gesto que não viesse na hora apropriada. Se a distinção das suas maneiras — distinção que deriva, acima de tudo, da mesma sensibilidade requintadíssima que o fez artista — muito o auxilia nessa correcção quasi britânica, o certo é que ela não basta para explicar o permanente *contrôle* que — adivinha-se — êle exerce sôbre a sua espontânea e carinhosa alma, tão dedicada e tão fraternalmente amiga. Há ali uma vontade de ferro, uma vontade segura, sólida, consciente, que é, aliada ao seu talento excepcional, o segredo do seu triunfo na vida, o motivo de sua rápida, brilhantíssima vitória nessa sociedade agitada e poderosa que é a sociedade do Rio de Janeiro. E é um grande regalo pressentir, sob a indolência e o dandismo da conversa de João do Rio, a armadura forte, mas delicada, duma energia que nunca hesita nem desfalece. Sem exageros do elogio — que os não sei dar — penso muita vez que a conversa de Oscar Wilde devia ser assim...

Na verdade, entre as personalidades literárias do escritor inglês e do escritor brasileiro existem certas afinidades, e uma, especialmente, que os diferencia da maioria dos seus confrades nas letras: — a elegância de conceitos, o dandismo de frases e de atitudes como manifestação suprema de pudor mental. Nenhum dêles gosta de exhibir a sua alma, nem sequer de manifestá-la, sem primeiro lhe ter

velado, de ironia serena ou de beleza decorativa, o seu resplendor perene. E por isso que o público se sente, em geral, desorientado perante os livros destes escritores como fica surpreendido perante a sua vida, incapaz de compreender que se escreva ou se viva senão para conquistar os louros fáceis, mas perecíveis, da glória imediata, destinados sobretudo àqueles que ao público se entregam completamente, sem receio de macular o espírito ou de ofender a própria sensibilidade...

Creio que este feitio moral de Paulo Barreto está indicado, adivinhado, marcado um pouco num retrato que o pintor António Carneiro — mais preocupado com a semelhança das almas que com a aparência dos corpos — desenhou em duas rápidas sessões. Que nas minhas palavras sem beleza, mas cheias da minha profunda admiração por João do Rio se adivinhe também esse feitio raro de homem e de artista — do homem e do artista que devia talvez ficar sempre em Portugal, junto da paisagem acolhedora que ele descreveu com tanta simpatia, e perto das mulheres dulcíssimas que ele, como ninguém, soube cantar — em páginas palpitantes de sedução e de carinho!...

Coelho Neto em Lisboa

Coelho Neto em Lisboa

Coelho Neto passou ontem em Lisboa cinco brevíssimas, rapidíssimas horas. Breves e rápidas, não para êle, talvez; mas para todos nós que o desejávamos por mais tempo nesta capital, onde tanta gente lhe quer bem — já para gozarmos o encanto incomparável da sua convivência, já para lhe podermos demonstrar, com certo brilho e evidência, que admiramos e estimamos nele o artista prodigioso, émulo de Camilo, de Eça e de Fialho. Estava, com efeito, preparada uma simples, mas sincera e carinhosa homenagem ao escritor insigne, homenagem a que tinham aderido todos aqueles que em Portugal representam, neste momento, um nome ilustre, um esforço glorioso ou uma obra consagrada. Infelizmente, Coelho Neto vinha cheio de saudades do seu querido Rio de Janeiro; e, mal

tivemos o prazer de o abraçar, logo êle embarcava de novo, sobraçando algumas belas edições de clássicos, sorridente e afável, ao lado da Senhora D. Gabi, musa familiar em cujos olhos se via alvorecer, não a saúde do nosso Tejo e do nosso céu, mas a visão dos filhinhos distantes, que com tanta ansiedade a deviam esperar...

Não pudemos, pois, dizer a Coelho Neto, em magna assemblea de escritores e de artistas, a nossa grande e velha admiração. Não pudemos dizer-lha, se é que a admiração é um sentimento que se explique. E, no entanto, creio que a êsse respeito haveria cousas interessantes e justas a frisar. Havia sobretudo uma afirmação que é necessária fazer-se: — é que a Coelho Neto devemos nós, prosadores e poetas das últimas gerações, uma das primeiras revelações do Brasil literário.

E acontece, mesmo, que o ilustre romancista foi o primeiro escritor da nação fraterna cuja obra nos pareceu *de acordo* com a natureza feracíssima, pródiga, luxuriante, como imaginámos sempre ser a natureza brasileira. e como ela é, realmente.

Abrangendo os assuntos mais diversos, passando do romance ao conto, da novela à crónica, da fantasia ao naturalismo mais rude, do teatro de observação ao lirismo mais quimérico, essa obra dá-nos, com efeito, a impressão vertiginosa duma grande torrente, aqui espumando, turbilhonando, fumegando, além reflectindo, no deslizar dum es-

pelhado remanso, pedaços claros de paisagem, clareões serenos de sol amigo. Todos os ruídos criadores, todas as vozes anunciadoras, todos os frémitos da natureza e da vida, passam nos livros de Coelho Neto, como através duma floresta imensa a canção larga do vento. Assim, nós não lemos os seus livros como é costume ler os livros da maioria dos autores. Não são livros que se leiam pelos dedos — para empregar a expressão de Faguet... Antes mergulhamos e nos perdemos na sua leitura, com a mesma extasiada alucinação que nos prende entre o rumorejar profundo das frondes altas, ou junto do clamor incessante das ondas sobre o mar. Sentimo-nos em face deles como diante de uma terra jovem e farta, onde não há campos sem pomares, nem planícies sem searas, nem árvores sem ninhos, nem montanhas sem árvores — duma terra que é, afinal, a imagem fiel da terra transatlântica. Daí, a curiosidade que foi aumentando sempre, crescendo sempre, tornando-se cada vez mais sôfrega e mais intensa, à medida que íamos descobrindo, em todo o seu esplendor, o génio magnífico e fecundo de Coelho Neto. Daí o ser êle, com Olavo Bilac, o escritor brasileiro mais espalhado e mais lido em Portugal. E daí, também, o acolhimento que lhe reservavam, em Lisboa, os seus camaradas e discípulos portugueses, ansiosos por apertar a mão ao supremo evocador da vida do sertão brasileiro, ao prosador inigualável, ao mestre louvado e querido...

É possível que, ao vê-lo pela primeira vez, eles tivessem um pouco a mesma impressão de surpresa que eu tive, no Rio de Janeiro, quando Paulo Barreto me apresentou a Coelho Neto, numa noite de festa, em casa deste último. Esperava encontrar um homem alto, desempenado, forte — e deparei com a figura franzina do autor da *Conquista*. Logo, porém, se desvaneceu a surpresa: — porque esses olhos dominadores e vivos, essa testa de voluntariosa inteligência, esses gestos de precisão e de energia, essa voz expressiva e quente, eram bem os olhos, a voz, o gesto do escritor extraordinário cujo esforço gigante era maravilhosamente documentado por tantos volumes cheios de vida, de mocidade e de originalidade fulgurante. Assim aconteceria em Lisboa, a todos os que travassem relações com Coelho Neto. E ele teria levado então consigo, não somente o perfume das flores dos nossos jardins, que Mme. Coelho Neto, à hora da partida, sustentava nas mãos com tão agradecida elegância, mas também a radiação viva e tangível da glória que entre nós cerca, aureola e afaga o seu nome gloriosíssimo.

A criação da Embaixada Portuguesa no Brasil

A criação da Pampulha
Portuguesa no Brasil

A criação da Embaixada Portuguesa no Brasil

I

Pode dizer-se que a semana finda foi a semana do Brasil. A comemoração do dia 15 de Novembro serviu de justo pretexto para que o Presidente da República e o Povo significassem à grande e querida nação irmã o seu entusiasmo e a sua amizade fraternal. Por toda a parte, a gente portuguesa vibrou na mesma enternecida comoção. E a permanência do *Benjamin Constant* no nosso pôrto, dando lugar a homenagens e a manifestações em honra da sua officialidade, tornou mais festiva ainda a semana das festas. Não foram elas ostentosas nem riquíssimas, é certo; mas foram sinceras e carinhosas. Tanto basta para que os ilustres representantes do Brasil em Portugal possam informar o govêrno do seu país de que a pátria brasileira é estimada entre nós com incontestável, amorável devoção. Sim-

plesmente, da parte dos nossos governos ainda não houve, desde a proclamação da República, um demonstrativo acto de consideração e de respeito pelo Brasil. Êsse acto — todos sabem qual deveria ser, e não vale a pena hesitar em dizê-lo: — deveria ser apenas a elevação a embaixada da nossa legação no Rio de Janeiro, o que traria, como inevitável consequência, a instalação duma embaixada brasileira em Lisboa. Não me foi difícil, quando estive no Rio, compreender, e saber mesmo por informações particulares, que o Brasil há muito espera essa prova de estima; e que julgou até que a República mostraria a sua gratidão pelo rápido reconhecimento que dela fez o govêrno brasileiro, enviando para o Rio, não um simples ministro plenipotenciário, mas um embaixador.

Isso não se fez, no emtanto. Porquê? Alguém me disse que por falta de dinheiro. Acho a razão sem valor. Porque não seriam meia dúzia de contos de réis a mais na dotação da embaixada que desequilibrariam de vez o orçamento do Estado. E, depois, essa despesa tornar-se-ia de utilidade indiscutível e imediata. Imediata. As nossas relações com o Brasil precisam de estreitar-se de dia para dia. Moral, intelectual, económicamente é o Brasil necessário à nossa vida. A emigração, apesar do que possam dizer sociólogos feitos à pressa, não deixará nunca de existir — e é bem que continue, pois que o elemento português no Brasil é um motivo de-

terminante das nossas boas relações com o grande país.

Temos ligações de toda a ordem com a moça nacionalidade de além-Atlântico.

Uma perene fonte de receita corre de lá para cá. Mil interesses, dos comerciais aos literários, nos prendem ao povo brasileiro. E, o que é mais importante, mais grave do que tudo, é que daqui a 50, a 30 anos o Brasil será uma potência de primeira ordem, com sólido predomínio no concêrto internacional. A sua população aumenta, com efeito, de dia para dia; a sua civilização é cada vez maior e mais segura; o seu progresso é vertiginoso; está organizando uma poderosa esquadra. Dentro em pouco, tornar-se-ha uma nação cuja aliança as outras irão cobiçar. E nessa altura, nós termo-nos hemos deixando ficar para trás no seu conceito e na sua amizade.

Outros países tomarão o nosso lugar. A Espanha que está para com a Argentina na mesma situação em que nós estamos para com o Brasil, vai ter muito breve a sua embaixada em Buenos Aires. E, rote-se, nunca a Argentina poderá vir a ter a importância do Brasil — infinitamente mais rico, e com mais condições de futuro do que a sua vizinha rival.

Não se julgue que eu exagero, encarecendo as atas vantagens que adviriam do estabelecimento d'uma embaixada do Rio portuguesa no Rio. Ela facilitaria em extremo toda e qualquer resolução de problemas diplomáticos e económicos entre o Brasil

e Portugal. Ela daria à nossa colónia uma situação de realce que esta vai perdendo já. Isto é óbvio. E tanto o é que a Itália, que absolutamente quer ser considerada e respeitada no Brasil, vai, segundo leio nos jornais do Rio, ter uma embaixada na Capital Federal. Transcrevo a notícia dum desses jornais — da *Gazeta de Notícias* — para se verificar, pela maneira como está escrita, a importância que estão dando ao caso.

Ei la :

Uma importantíssima notícia que corre em Roma, e que já está sendo comentada com intensa simpatia nos círculos diplomáticos de Petrópolis, é a de que o governo italiano pensa em elevar à categoria de embaixada a sua legação no Brasil. Seria, realmente, um acto que penhoraria extraordinariamente a sensibilidade da alma brasileira, se o governo da Itália, como uma alta deferência à nossa amizade, desse à sua representação o carácter de embaixada. O nosso governo que teria de corresponder com gentileza igual, certo o faria com a máxima satisfação, pois a troca de representações tão altas mais ainda viria estreitar as relações de admiração e interêsses que existem entre o Brasil e a Itália.

Com que sensível, clara gratidão estão redigidas estas rápidas linhas de jornal! Que prova exuberante de quanto a provável resolução do governo italiano é grata ao Brasil! E como a Itália vai com certeza aproveitar-se destas boas disposições, para cada vez mais garantir a admirável situação que já alcançou nas terras de Santa Cruz!

Se o govêrno português pensasse um pouco na necessidade de assegurar, para hoje e, sobretudo, para o futuro, o concurso da nação brasileira, sempre tão sollicitamente generosa para connosco, não hesitaria, pois, em estabelecer uma embaixada no Rio de Janeiro. Além de todas as vantagens citadas, outra viria a alcançar, que não é de somenos valor. Daria à nossa colónia, em luta acesa contra as outras colónias estrangeiras, o lugar que lhe compete entre todas elas: — quero dizer, o melhor. Creio que não é de todo indiferente a consecução dêste desiderato. Quem alguma vez foi ao Brasil, calcula bem as óptimas consequências que dela resultariam. E a República prestaria aos correligionários de além-mar o primeiro grande serviço, o serviço a que elles têm direito pela sua velha dedicação à causa patriótica.

De resto, há no govêrno brasileiro — eu sei-o — a maior simpatia pelo nosso país. Porque se esperará, pois? Mistério! Naturalmente espera-se que se instale no Rio a embaixada italiana. Chegaremos tarde, sem dúvida. Isso que importa?! Já dizia o perenemente conselheiro ex-conselheiro Acácio: «No Brasil ninguém nos suplanta! Fomos nós que o descobrimos!...» O que dá direito agora, segundo parece, a deixá-lo descobrir pelos ótros, pondo-nos nós próprios de fora, a ver...

II

Na admirável, clara e lógica declaração ministerial que o Sr. Dr. Afonso Costa leu ao Parlamento, com aquella persuasiva confiança que é um dos segredos da sua eloquência forte, fez o presidente do ministério declarações de muita e comovida consideração pelo Brasil. Sabe-se que essa consideração é já agora tema obrigado dos discursos dos governantes portuguezes. É inteiramente impossível, depois das provas de estima fraternal que a nação brasileira deu à jovem República portuguesa, deixar de mostrar que esta lhas agradece e lhas quiere agradecer bem ostensivamente. Mas pareceu-me que as palavras do Dr. Afonso Costa eram, mais do que nenhuma outras, sinceras; e, mais do que nenhuma outras, correspondiam no seu espirito a seguras e arraigadas convicções e não apenas a

sentimentos passageiros e confusos. Por isso me animo a vir falar de um assunto que, desde a minha ida ao Brasil, se me afigura importantíssimo, pois que afecta, não direi a expansão nem o futuro da nacionalidade, mas, pelo menos, os interesses e as conveniências, materiais e intellectuais, do nosso país: — as relações diplomáticas que mantemos e devemos estreitar com o grande país irmão.

Relações actualmente óptimas, sem dúvida. Basta que o nosso ministro no Rio seja o Dr. Bernardino Machado para que o possamos afirmar sem receio de desmentido. A proverbial amabilidade dêsse illustre estadista, o seu tacto político, a cultura do seu espírito e a sua inquebrantável energia, deram-lhe um grande prestígio perante o govêrno brasileiro. Simplesmente, êsse prestígio é pessoal, unicamente pessoal; e a influência do nosso ministro é quási que só devida a êle, o que não basta. Se de hoje para amanhã o substituíssem e o substituto fôsse um homem sem qualidades de simpatia e de intelligência, a nossa situação diplomática no Brasil poderia, bem fácilmente, tornar-se muito pouca boa. A verdade é que a República brasileira espera da República portugueza, e não dos seus representantes no Rio, um acto de estima e de amizade que ninguém possa negar, occultar ou diminuir. Espera que a legação do Rio de Janeiro seja elevada a embaixada, como já tive occasião de dizer mais de uma vez, e como é necessário que seja

feito, não só para pagar uma dívida de reconhecimento que data já de 6 de Outubro, como também para benefício dos portugueses no Brasil e de todos aqueles — e são aos milhares! — que ao Brasil estão ligados por laços comerciais, literários ou artísticos, mesmo sem sair de Portugal.

É fácil de prever a decisiva influência que teria nas rodas oficiais brasileiras a criação duma embaixada portuguesa no Rio, da qual, como se sabe, derivaria a imediata instalação duma embaixada brasileira em Lisboa. As facilidades que tal acontecimento traria à acção do nosso representante nas terras de Santa Cruz podem prever-se, sem exagero, como extraordinárias. Ganharíamos uma imensa força moral. Suplantariamos de vez o açambarcador valimento das outras nações europeas. Seríamos infinitamente mais respeitados e atendidos em todas as nossas pretensões. E garantiríamos para todo o sempre aquela supremacia de ordem económica e mental, que tanto nos convém obter sobre todos os povos que hoje procuram, no solo hospitaleiro do Brasil, uma situação privilegiada para os seus emigrantes e, também, para a expansão e triunfo maior da própria nacionalidade. Eu sei que me poderão objectar com esta afirmação gratuita, mas bastante espalhada: — o Brasil precisa de nós, e não vale a pena, portanto, esforçarmos por garantir uma situação que já está, de per si, garantidíssima. Na verdade, o Brasil precisa do

nosso emigrante. Ele constitui, até, um dos seus melhores elementos nacionalizadores. Há, porém, considerações várias que sobrelevam a esta, puramente étnica... De resto, o poder de absorção da terra brasileira é tão grande que não há estrangeiro que lhe saiba resistir, desde que não vá, como os alemães para o estado de Santa Catarina, com um firme propósito político, que aliás não lhe será possível continuar a afirmar. O governo brasileiro sabe perfeitamente que isto é assim; e as suas recentes convenções com a Itália manifestamente o demonstram. As convenções e as negociações com este país para o estabelecimento duma embaixada italiana no Rio, que mal, muito mal pareceria fôsse instalada antes da nossa...

O Sr. Augusto de Lacerda, numa interessante conferência realizada há pouco na Sociedade de Geografia, queixou-se muito justamente da deficiência da nossa representação consular no Brasil. Disse que havia portugueses espalhados por toda a enorme extensão do território brasileiro que não tinham, que não sentiam o suficiente amparo, o suficiente apoio moral da mãe-pátria. Eis uma observação que me fornece um irrefutável argumento: — a embaixada portuguesa no Rio daria à nossa colônia a certeza categórica de que a República lhe quer dar brilho e valor social. Brilho e valor social que a monarquia nunca lhe quis ou nunca lhe soube dar; e que assim ofertados, trazidos pela

República, talvez liquidassem definitivamente as tremendas dissensões políticas que agitam e separam os nossos compatriotas de além-mar. Só quem não esteve no Brasil pode ignorar que essas dissensões são tristemente vergonhosas para o nome português e prejudicam altamente o bom conceito que, para honra e proveito nosso, lá devemos e carecemos de ter sempre. Não prestasse outro serviço a embaixada portuguesa no Rio — e já êste seria bastante, já êste por completo justificaria a sua instalação. Peço ao govêrno que ouça um pouco esta verdade axiomática e não tenha o desdenhoso encolher de ombros de certo recente homem público, a quem eu um dia reclamava que se ocupasse do problema luso-brasileiro:

— *Isso são tudo quimeras de poeta, meu amigo!* respondeu-me êle! *V. é muito novo para apreciar tais assuntos!*

Êste atestado de mocidade creio que só servirá para me colocar bem ante o govêrno actual, que representa algumas das mais belas e moças aspirações da Pátria e da República. Por isso o trouxe para aqui, esperançado de que não me responderão falando em quimeras — o que é, de resto, ainda uma maneira disfarçada de dizer que eu tenho razão...

El presente informe tiene como finalidad
informar a la Junta de Vigilancia de la Salud
Pública de la ciudad de Bogotá sobre el
estado de la salud pública en la ciudad de Bogotá
durante el periodo comprendido entre el 1 de enero
de 1990 y el 31 de diciembre de 1990. El informe
se divide en tres partes: la primera describe el
estado de la salud pública en la ciudad de Bogotá
durante el periodo comprendido entre el 1 de enero
de 1990 y el 31 de diciembre de 1990; la segunda
describe el estado de la salud pública en la ciudad
de Bogotá durante el periodo comprendido entre el
1 de enero de 1991 y el 31 de diciembre de 1991;
y la tercera describe el estado de la salud pública
en la ciudad de Bogotá durante el periodo
comprendido entre el 1 de enero de 1992 y el
31 de diciembre de 1992.

El presente informe tiene como finalidad
informar a la Junta de Vigilancia de la Salud
Pública de la ciudad de Bogotá sobre el
estado de la salud pública en la ciudad de Bogotá
durante el periodo comprendido entre el 1 de enero
de 1990 y el 31 de diciembre de 1990. El informe
se divide en tres partes: la primera describe el
estado de la salud pública en la ciudad de Bogotá
durante el periodo comprendido entre el 1 de enero
de 1990 y el 31 de diciembre de 1990; la segunda
describe el estado de la salud pública en la ciudad
de Bogotá durante el periodo comprendido entre el
1 de enero de 1991 y el 31 de diciembre de 1991;
y la tercera describe el estado de la salud pública
en la ciudad de Bogotá durante el periodo
comprendido entre el 1 de enero de 1992 y el
31 de diciembre de 1992.

Uma cadeira de estudos brasileiros em Lisboa

Uma cadeia de estudos
brasileiros em Lisboa

Uma cadeira de estudos brasileiros em Lisboa

Vejo com verdadeiro desvanecimento, nos jornais brasileiros chegados a Lisboa, que a notícia da criação duma cadeira de estudos brasileiros na Faculdade de Letras foi recebida festivamente no Rio. Persuãdido, como estou, de que esta iniciativa é das mais úteis e fecundas para o estreitamento das relações luso-brasileiras, enterneceu-me e alegrou-me a atitude da imprensa do Rio de Janeiro. Sem sentimentos de partidarismo mesquinho — que sou incapaz de ter — julgo que não mentirei afirmando que à República se deve, em Portugal, o justo, mas ardente carinho que todos vimos exteriorizando pelo Brasil. E compreender-se há a razão deste facto, quando nos lembrarmos de que a República permitiu a entrada em acção de toda uma mocidade generosa e forte, vibrante de intenções reformado-

ras, palpitante de ambições vastas, ébria de sonhos elevados e de nobres ideais. À sua juventude admirável se deve o novo ambiente de patriotismo, e de crença no futuro do país, que tão belas e grandes manifestações tem suscitado e alimentado. Ela personifica e representa, com efeito, a alma permanentemente sã e enérgica do povo; do povo que foi sempre o maior mantenedor e defensor da nacionalidade e que, entre tantas paixões e adorações do seu coração, fielmente conserva e aumenta a paixão e adoração do Brasil. E possível que me engane e que — como há algumas semanas o fez notar, com penhorante amabilidade, aliás, a *Revista da Semana* — eu exagere a influência da República na vida da nação. Não o creio, no entanto. A República nasceu duma profunda crise nacional: — e as energias que ela reuniu ou fez desabrochar em volta de si são as mesmas energias puras e livres que, pela sua própria *vis* criadora, demoliram e venceram o antigo estado de cousas. Assim, a vitória dos republicanos não foi a vitória duma fórmula política: — mas, unicamente, o triunfo decisivo do país que trabalha, que pensa e que tem fé...

Deixemos, porém, estas considerações, talvez descabidas neste momento. Do que eu desejo falar, apenas, é da cadeira de estudos brasileiros, da sessão do Parlamento em que ela foi aprovada e votada, e, também das gratas responsabilidades que me cabem em tal iniciativa. Responsabilidades que

— declaro-o desde já — são bem pequenas, pois apenas se limitam ao relatório do projecto de lei apresentado pelo ministro de instrução pública do governo transacto, Sr. Ferreira de Simas. Outra cousa não fiz, na verdade, senão relatar esse projecto de lei... E se me deixaram lisonjeadíssimo as referências da imprensa brasileira à minha interferência nesse assunto, devo confessar, com reconhecimento, mas com a minha sinceridade de sempre, que essas referências são imerecidas. Ao ministro Simas pertence o projecto de lei criando a nova cadeira na Faculdade de Letras. Mas a idea é de alguém muito querido e estimado no Rio, — de alguém que soube mostrar a conveniência e a necessidade de fazer conhecer o Brasil aos estudantes portugueses e que no embaixador de Portugal encontrou também um eloquente defensor da mesma causa: — do Dr. Alberto de Oliveira, consul geral do Rio.

De resto, o Dr. Afonso Costa, apoiando e louvando o projecto, na Câmara dos Deputados, claramente acentuou a acção do Dr. Alberto de Oliveira. E essa homenagem tão justa correspondeu a uma autêntica e necessária consagração ao sentimento luso-brasileiro do ilustre diplomata.

A oportunidade do projecto era, de mais a mais, flagrante. Demonstra-o bem a unanimidade de votação que êle obteve. Os *leaders* de todos os partidos apoiaram-no com evidente entusiasmo — desde

o Dr. Barbosa de Magalhães, antigo ministro democrático e jurisconsulto distintíssimo, até o Dr. Brito Camacho, chefe do partido unionista, e o tenente-coronel Simas Machado, *leader* dos evolucionistas. Pela voz do poeta Jaime Cortesão falaram os artistas e escritores da Câmara. E Afonso Costa trouxe por fim o aplauso do governo — singularmente precioso numa era de economias... — ao projecto de lei que tão praticamente demonstrava e assegurava o nosso constante affecto pela nação fraterna e amiga.

Foi uma grande sessão, uma sessão rara em qualquer parlamento do mundo, pela ardente chama de patriotismo desinteressado que a animou e fez vibrar todas as almas. Sobre nós pairava — como paira sempre desde que estamos em guerra — aquela irreprimível, ainda que magnífica, ansiedade de quem entregou a sorte do seu país às mãos incertas do Destino. A guerra vivia ali, como agora vive em todo o Portugal, nos espíritos e nos corações. Pois bem: — ao ser votada a criação da cadeira de estudos brasileiros, ninguém deixou de sentir que estava colaborando numa obra de paz e de segurança futuras, nessa obra de paz que há-de ser um dia a íntima, a lial, a estreita aliança entre as duas pátrias irmãs pela raça — e pela idêntica aspiração de liberdade e de civismo...

A República Portuguesa
e o Brasil

Republik Portugal
e o Brasil

A República Portuguesa e o Brasil

Hontem, 3 de Maio, aniversário do descobrimento do Brasil, Lisboa festejou jubilosamente a data memorável. Festejou-a, embandeirando as janelas das suas casas, dando vivas, em sessões públicas e em manifestações, clamando a sua alegria pela voz dos seus oradores mais ilustres, engalanando, por todos os modos, a sua alma patriótica e entusiástica. Não havia sómente nela o orgulho de celebrar um feito heróico, uma viagem audaciosa, que honra o nosso passado e a nossa raça. Houve também a satisfação de poder mais uma vez demonstrar, ao grande país fraterno, o carinho, o afecto, a amizade inalterável que lhe dedicam, perenemente, os habitantes desta outra longínqua margem do Atlântico. É que, se o Brasil foi sempre estimado e amado pelos portugueses, esta estima e êste amor acresce-

ram-se, singularmente, desde a proclamação da República. ¿Deve-se o nosso sensível, visível acréscimo de simpatia, ao rápido reconhecimento das novas instituições, por parte do governo brasileiro? Sem dúvida. Mas entra ainda nessa simpatia um elemento de maior compreensão da vitalidade prodigiosa da terra de Santa Cruz, do seu impetuoso frêmito de progresso e de civilização, da sua admirável orientação democrática e moderna. A proclamação da República trouxe, com efeito, a Portugal, um renôvo de fôrça e de emoção criadora, uma renascença de fé nos seus destinos, uma certeza de futuro próspero, que há muito faltavam entre nós. Digo-o sem o menor vislumbre de espírito de seita. . . Ora, esta enérgica e vitoriosa atitude, esta fé, êste renôvo de fôrça, esta certeza de triunfo, eram eminentemente próprios a determinar no povo português um estado de espírito que melhor o poderia fazer vibrar em unísono com a permanente febre de luta e de glória, que tanto caracteriza a sociedade brasileira. Foi o que realmente sucedeu. E não há acontecimento feliz, ou data histórica do Brasil que, desde então, deixem de ser acolhidos, celebrados, ovacionados entre nós, com a mais ardente, a mais intensa, a mais viva confraternização. Mesmo os casos tristes aqui se repercutem, como se fôssem nossos: — a impressão produzida pela catástrofe do *Guarany* foi a da mais consternada tristeza. Creio que nunca houve na história dos

dois países um momento de tão profunda, íntima, estreita amizade. Alguma cousa que é, decerto, a consciência dum destino comum a realizar — dentro do campo intelectual e artístico, pelo menos — paira sôbre as nações distantes, mas filhas da mesma aspiração e do mesmo sonho. O nosso mútuo afastamento — de que Paulo Barreto já se queixava em 1898 — parece ter definitivamente desaparecido. O próprio Paulo Barreto foi um dos grandes factores de aproximação, pela sua continua, inteligentíssima propaganda de Portugal e dos portugueses. E, no Rio de Janeiro, ¿como esquecer a acção do Dr. Bernardino Machado, que quer ao Brasil tão entranhadamente e que voltou a Lisboa com o desejo, a cada instante demonstrado, de o fazer mais querido, mais compreendido pelos nossos corações? Da simpatia dos governantes brasileiros pelo pequeno Portugal — sei eu apenas falar com um reconhecimento sem limites. Eu a senti, espontânea e nobre. E há algumas palavras de carinho de homens políticos ilustres, que não se apagam nunca de minha memória, já por que vinham de personalidades superiores, já porque traduziam, pela minha Pátria, a mais comovida e sincera afeição.

Mas que um tal ambiente de recíproca amizade se estabeleça nas classes dirigentes, entre homens eminentes e conhecedores dos dois países — eis um facto que se admite sem esforço. O que, porém,

mais deve regozijar-nos — e louvar-se — é que tão boa disposição se reflectisse já nas classes populares, e que a sua exteriorização constitua já, por assim dizer, uma das mais claras manifestações do civismo nacional.

Se outras razões não houvesse, se outros factos não o demonstrassem — e há mil razões e mil factos que o demonstram — bastaria a sessão de homenagem, ha pouco oferecida ao embaixador do Brasil, no Teatro da República, para absolutamente o confirmar. Esta sessão era, com efeito, organizada apenas por associações de carácter acentuadamente popular, acentuadamente republicano. E visava a exprimir, aos representantes do Brasil, o reconhecimento do povo português pela elevação a embaixada da legação brasileira. O povo, na verdade, enchia o teatro — o povo de Lisboa, o mais republicano, o mais entusiástico de todos. Nos camarotes, na plateia, no *galinheiro*, apertavam-se milhares de pessoas ouvindo atentamente os oradores, entre os quais o presidente do ministério, saudando-os com palmas frementes, sublinhando as frases de maior eloquência com entusiasmo comunicativo. Mas o entusiasmo subia, as saudações prolongavam-se, clamorosas, as palmas estrugiam, ruídosas e longas — sempre que se ouvia uma referência ao Brasil, sempre que a sua beleza, a seu progresso, a sua civilização, eram invocados, comentados, ou admiravelmente descritos.

Então — uma vasta onda de anseio amorável parecia rolar na sala e encapelar-se, espumar e morrer junto ao camarote do embaixador, certamente perturbado com essa suprema demonstração de amizade fraternal e quasi religiosa...

Nenhuma outra prova de carinho lhe poderia ser mais grata, penso eu. Êle sentiu bater, ali, o coração da nossa gente; sentiu viver, vibrar, erguer-se a emoção envolvente, a sensibilidade inigualável da nossa raça; sentiu que o nosso amor pela sua terra não era sómente protocolar, não era sómente tratado nas chancelarias: — era um amor instintivo e caloroso, um amor invencível, um amor sincero e sadio. E pena é que, nem os telegramas, nem comunicações de qualquer espécie possam transmitir o calor do entusiasmo que dominou essa sessão de homenagem. Pois que só assim aí chegaria ao Brasil um eco verdadeiro de quanto é admirado pelos republicanos portugueses, de quanto é amado pelo povo de Portugal, o grande, o admirável, o fecundo país nosso irmão...

Lisboa triste

1900-1901

Lisboa triste

«Rio de Janeiro, 3 — Às 3 h. e 10' da tarde, o *Steamer Borborena*, do Lloyd Brasileiro, meteu a pique o rebocador *Guarany*, da marinha de guerra brasileira, que acompanhava as manobras da esquadra, perto da Ilha Grande».

(Dos jornaes)

Tinha começado com um entusiasmo enternecido e ardente as festas comemorativas da proclamação da República. As músicas tocavam nas praças ou atravessavam, num clangor de vitória, as avenidas largas, apinhadas de gente. As bandeiras tremulavam ao vento — ou coroadando triunfalmente as fachadas dos grandes edificios, ou debruçando-se das janelas com garridice familiar. Um povo satisfeito e tranqüilo percorria a cidade animada, todo embebido nesse contentamento sem sobressaltos que é a maior demonstração da alegria portuguesa. Apesar dos boatos terroristas que, poucos dias antes, haviam espalhado o pânico entre as pessoas tímidas, o riso e a confiança não abandonavam Lisboa. Ninguém de bom senso acreditara nos horrores tétricos que gente mal intencionada

anunciara, com a evidente intenção de prejudicar as festas. Ninguém! E nem mesmo quando os primeiros morteiros da estrondosa sinfonia de abertura, que precede todos os fogos de artifício, ribombaram na noite calma, multiplicando o seu trovão por mil ecos fidelíssimos, nem mesmo então alguém se lembrou de bombas ou receou explosões! Festas encantadoras, na verdade, festas de paz, de concórdia, de seguro e sereno amor patriótico. De resto, uma temperatura deliciosa, uma luz de ouro coada por nuvens ténues, e uma puríssima atmosfera outonal, toda em aconchegadas suavidades, acolhiam a multidão que, desde pela manhã, expandia ao ar livre a sua felicidade de viver sem cuidados, e de esquecer as preocupações quotidianas na celebração contente duma data gloriosa e bem amada.

No entanto, a quem tivesse o propósito de observar atentamente a alegria dessa população ruidosa, logo aparecia nela um certo ar de mistério, um certo aspecto de quem espera uma surpresa agradável e uma ocasião, ainda melhor do que a ocasião que já tinham, — para inteiramente vibrar e palpitar. Havia, com efeito, nas fisionomias das pessoas que passavam uma como esperança, uma como que reserva de contentamento para outro dia, para outra hora mais completa e mais intensa. Esta atitude mais se acentuava quando algum oficial do *Benjamin Constant* — aqui

fundeado para se associar, em nome do Brasil, a comemoração do 5 de outubro — atravessava por entre a multidão, correctíssimo, desempenado e sorridente. Logo se ouvia o ciciar dum segrêdo, se surpreendiam certos relances de olhos, reveladores de qualquer propósito, se pressentia um movimento íntimo de contida e forte simpatia. É que a surpresa agradável que o lisboeta reservava já para si era, simplesmente, a grande manifestação com que no dia seguinte, domingo, se propunha receber a tripulação do *Benjamin Constant*, no momento em que ela desfilasse pela cidade embandeirada, ao lado da marinha de guerra portuguesa. O Presidente da República e todo o elemento official assistiriam ao desfile. Mas sem que nenhuma intervenção governativa tentasse regular o caso — a idea dessa manifestação nascera, desabrochava em todos os corações como uma demonstração necessária, indispensável, irreprimível, exigida pela sensibilidade de cada um e, principalmente, reclamada pela fé e pelo ardor republicano do povo. As palmas mais quentes, as ovações mais generosas e retumbantes, estavam guardadas para êsse domingo. Lisboa inteira crepitava de fervor pelo Brasil — pelo Brasil que, tão longínquo, é pela dedicação e pela ternura o mais próximo amigo de Portugal.

E não havia ninguém que não tivesse imaginado já o que seria o desfile dos marinheiros brasileiros

e portuguezes, nessa *parada* pacífica, mas nobremente marcial. Discutia-se o trajecto que lhes tinha marcado. Dizia-se : em tal rua, em tal praça o entusiasmo deve talvez ser mais violento, mais barulhento ; mas em toda a parte encontrarão o mesmo carinho, o mesmo affecto transbordante e vivo ! Puerilmente, chegaram a discutir a beleza dos fardamentos, o garbo dos officiaes da linda corveta, a elegância das suas maneiras ; e acabavam sempre por exaltar tudo o que lhes dizia respeito. Assim, a pouco e pouco, todas as almas se entregavam ao delírio de ovacionar, de aplaudir o Brasil. Nas mãos frementes tremiam palmas. Nos olhos enternecidos bailavam lágrimas de arrebatamento. E uma vasta onda de sincero amor e de funda admiração erguia todos os peitos, arqueava todas as vidas para um magnifico louvor ao maravilhoso país irmão !

De repente, porém, cai sôbre a cidade a noticia do desastre pavoroso do *Guarany*. Trinta mortos, entre os quais alguns moços, cheios de vigor, decerto, decerto frementes de esperança como todos os jovens dessa terra de energia ! Silenciosamente, diante dos *placards* dos jornais, apinhavam-se grupos e grupos, comentando com amargura o acontecimento terrível. Para a multidão, donde se tinham destacado, refluíam depois, levando o frio daquela má nova, a melancolia inenarrável daquelle telegrama brutal e sêco — onde cada palavra valia

milhões e milhões de lágrimas, significava desgostos sem fim, desventuras sem consolação. Dum instante para o outro, a notícia espalhou-se, correu, entristeceu toda a gente. Um confrangimento, um pesar invencível enludou logo todos os rostos, velou os olhares alegres, tornou arrastado e lento o ritmo radioso das festas. Continuou a haver músicas e foguetes, bandeiras a tremular ao vento, iluminações nas fachadas. Mas o povo perdera a sua boa disposição. Sentia como um desastre seu aquele que o Brasil chorava. E a tornar mais doloroso ainda o seu desgosto, parece que todo o contentamento que reservara em si para o dia seguinte e que não poderia expandir, o abafava, o sufocava agora de tristeza ou de alegria frustrada...

Foi assim que continuaram e terminaram as festas comemorativas da proclamação da República Portuguesa — com o luto pela nação distante, mais do que nenhuma outra chegada a nós... Foi assim! E na tarde em que a notícia chegou a Lisboa, entre o cair vagaroso dum crepúsculo de cinza, eu tive a impressão de que, sôbre as vestes jubilosas da nossa República em pleno triunfo, se tinha enrolado um pouco de crepe negro e funéreo, que neste momento vestia a figura altiva e forte da grande República de além-mar!...



Um defensor da aproxima-
ção luso-brasileira

Um defensor da aproximação
entre o uso prático

Um defensor da aproximação luso-brasileira

Alberto de Oliveira é uma das minhas mais velhas e seguras admirações. Quando, criança ainda, fui estudar para o Liceu de Coimbra — já encontrei na cidade carinhosa o pregão do seu nome espalhado e repetido. Falava-se dêle com respeito. Não como se falaria apenas dum rapaz de talento, promessa de futuras obras notáveis. Mas como de alguém que realizara já um pouco daquela perfeição radio-sa que é ambição dos verdadeiros artistas, daquela perfeição que é muitas vezes desesperadoramente intangível, e que para Alberto de Oliveira fôra um sonho das suas primeiras horas de escritor, logo efectivado no seu primeiro livro de prosa. Quem tiver lido as páginas equilibradas e sadias das *Palavras Loucas* compreenderá que eu não exagero. Esse livro não denuncia sómente um talento enor-

me, uma sensibilidade fina e aguda, uma inteligência lucidíssima: — demonstra também a posse plena, o conhecimento absoluto dos mais difíceis segredos do *estilo*, desde o valor exacto das palavras até a nitidez evocadora das imagens. Li-o de novo há duas ou três semanas: e esta impressão, que era a minha impressão da mocidade, não fez senão acentuar-se e revigorar-se.

A graça leve da frase, o desenrolar límpido do período, o fulgor dos conceitos, o brilho sereno da prosa — tudo isso, que certos escritores consagrados não alcançaram nunca, aparece-nos no livro de estreia de Alberto de Oliveira com evidência deslumbrante. E estas qualidades raras criaram-lhe imediatamente uma fama especial e deram-lhe um lugar à parte entre os escritores e poetas da sua geração, dos quais um, António Nobre, foi o amigo mais querido e mais admirado do autor das *Palavras Loucas*. Poeta também — não foi, no entanto, como poeta que Alberto de Oliveira triunfou. A sua poesia é vibrante e nova, na verdade. Padece, porém, dum *intellectualismo* excessivo — do intellectualismo que havia de encontrar na sua prosa uma expressão completa. Emocional? De certo. Mas evidentemente limitada, *cercada* por tudo quanto há de voluntário, de propositado — e de raciocinado também — na sua arte. Se o quisessemos comparar a algum outro escritor estrangeiro — penso que só dum o poderíamos aproximar: de — Maurice

Barrès. Não pelas doutrinas, está claro; mas pela modalidade estética do seu temperamento. Até o seu amor pelas tradições nacionais permite e justifica esta aproximação. Sob êsse aspecto, Alberto de Oliveira foi, com efeito, um precursor tendo determinado, por assim dizer, o movimento de *exegese patriótica* em que se apoiam certos ideais artísticos das novas, das novíssimas gerações. Foi um precursor — lutando contra a desnacionalização duma literatura e duma arte que, por vezes, davam a impressão de cópias ou de más traduções do francês. O seu culto por Garrett não é só admiração pelo escritor; é também, essencialmente, veneração e amor pelo seu esforço de patriota, pelas suas múltiplas tentativas de interpretar e de moldar definitivamente em lirismo e em tragédia a alma esquecida do seu país. E é assim que a prosa de Alberto de Oliveira, trazendo consigo um novo frêmito de beleza é uma prosa *clássica* — tão clássica que chegamos até a pensar na sua filiação directa com o inimitável e portuguesíssimo Manoel Bernardes. O que lhe dá, porém, êsse aspecto clássico? A construção exterior da frase? A escolha dos vocábulos? De modo algum. Êsse aspecto — devemos atribui-lo ao sentimento interior que anima o artista, à profunda paixão patriótica em que êle se alimenta ou consome a sua existência de pensador que ama a sua terra e sôbre ela medita, do artista que adora o céu, o sol, ao mar, a paisagem entre os quais nasceu e entre os quais.

viveu o Passado que lhe é caro e viverá o Futuro que deseja e prevê! É possível que esta afirmação pareça paradoxal: — mas estou em dizer que, mesmo sem conhecer nenhuma das nossas grandes tradições literárias, Alberto de Oliveira teria sido sempre o escritor admirável e *nacional* que sempre foi, reatando a tradição vernacula da nossa prosa — de tal modo se sentem nele, vivos e puros, o sentimento da língua portuguesa e a devoção por um ideal de arte que seja, antes de mais nada, um ideal patriótico, na mais alta e mais nobre acepção da palavra...

*
* *

Essas reflexões, rápidas e um pouco descosidas, acudiram-me hoje como simples comentário ao discurso de Alberto de Oliveira na Academia Brasileira de Letras, que só agora, infelizmente, me chega às mãos. Nunca é tarde, porém, para louvar o que é digno de louvor. E o discurso de Alberto de Oliveira merece louvores incondicionais: — é realmente notável. E, sendo a oração dum acadêmico e dum escritor, não deixa por isso de ser a apresentação sóbria, mas completa, dum diplomata. Li-o com extraordinária alegria — alegria que derivava, sobretudo, do orgulho que tenho em ver o meu país tão bem representado num país que tanto admiro e estimo como é o do Brasil. Na verdade, é consolador verificar que já existe em Portugal uma

noção exacta de quanto e como devemos ter aí representantes ilustres, aptos a desenvolver e fortificar a amizade recíproca das duas nações irmãs. Depois do Dr. Bernardino Machado, cuja obra foi tão profícua e tão bela, veio a nomeação do Dr. Duarte Leite para embaixador de Portugal. E, quer pela sua nativa aristocracia de maneiras, quer pela sua situação na política, ninguém podia ser melhor escolhido para o honrosíssimo cargo. Mas ninguém podia também ser melhor escolhido, para o acompanhar na tarefa de aproximação moral e intelectual que se impõe cada vez mais entre as duas Repúblicas, do que o poeta e escritor Alberto de Oliveira.

Se outras provas não houvesse para justificar a minha asserção — bastaria o discurso na Academia de Letras para a confirmar exuberantemente.

Porque êsse discurso contém, sob uma forma literária maravilhosa e original, todas as ideas que é necessário pôr em prática para que a história dos dois países seja, como cumpre, a história duma só alma em dois corpos diversos.

Alberto de Oliveira o diz. E, melhor ainda, o explica, numa eloquência persuasiva e lial que, de certo, encontrou eco nos corações brasileiros. Há uma frase que, sobretudo, se não pode deixar esquecer: «*Quizera que os nossos programas nacionais fôsem mutuamente assimilados e se entrelaçassem numa acção comum*».

Assim devia ser de facto. Assim terá de ser, num futuro próximo. A penetração literária e artística, que reciprocamente se está dando entre Portugal e Brasil, permitem-nos acreditar que nunca foi tão fácil realizar esse *desideratum*.

Mas não se perca a idea de que, para realizá-lo, não bastam palavras, nem artigos de jornais, nem mesmo notas diplomáticas. São precisos homens — homens como Alberto de Oliveira, de prestígio e de reputação assegurados e firmes. Prestígio e reputação que, postos ao serviço do país nessa bem amada terra do Brasil, não serão só úteis à causa portuguesa — mas ainda, mas, sobretudo, à grande Patria espiritual que um dia formarão as duas nações irmãs, unidas, e não separadas, pelo antigo caminho, sempre aberto, do largo oceano Atlântico.

A Mentalidade Brasileira Contemporânea

A Mentalidade Brasileira
Contemporânea

A Mentalidade Brasileira Contemporânea ¹

Cada vez mais a Europa conhece, estima e admira o Brasil. Com efeito, pela sua formidável expansão económica e comercial, tem êle conquistado a pouco e pouco todos os grandes mercados do mundo. Pelo progresso e desenvolvimento da sua mentalidade merece o respeito e a simpatia de todos os países civilizados. A sua literatura tornou-se, mesmo, uma das expressões mais características do génio latino. O ilustre escritor Medeiros e Albuquerque demonstrou-o não há muito tempo ainda, nas páginas da *Revue*, com o seu magnífico artigo sôbre *A Literatura Brasileira e a França*. Esse artigo, se nele exceptuamos um certo chauvi-

¹ Êste artigo foi publicado, pela primeira vez, em *La Revue*, número de 15 de Fevereiro de 1914.

nismo, de resto compreensível, em relação a Portugal — é absolutamente completo ¹.

Creio, no entanto, que o testemunho sincero dum estrangeiro — e dum estrangeiro que, sendo português, tem com o Brasil afinidades de espírito e de sensibilidade de que ninguém pode duvidar, mas que nem por isso o impedirão de orientar-se pela mais objectiva imparcialidade; creio que êsse testemunho interessará todos aqueles que amam o Brasil e presentem, nessa jovem e vigorosa República, uma energia indomável, um génio claro e audacioso, e uma inegável fôrça de futuro. O Sr. Medeiros e Albuquerque, no artigo já citado, fez a história da literatura brasileira, narrou a sua evolução, as suas origens, a sua orientação. Não possuindo o vasto saber do célebre escritor, nem evidentemente — o seu conhecimento profundo das cousas do Brasil, limitar-me hei a esboçar o aspecto actual da mentalidade brasileira, tal como eu a pude observar durante uma curta, mas encantadora viagem, ao Rio de Janeiro e a S. Paulo. Simples e rápidas notas dum viajante fascinado, seduzido pela magnificência da paisagem, do céu, do sol e pela invencível febre de viver que tão nobremente agita o povo e a *élite* dêsse país glorioso, levado num turbilhão incessante de trabalho e de pensamento.

¹ *La Revue*, de 1 de Setembro de 1913.

I

Por mais superficialmente que se considere e se estude o movimento literário do Brasil durante os últimos vinte anos, temos imediatamente a noção dêsse turbilhão, dessa febre de viver. Depois dum período de *romantismo* que só serviu para tornar mais forte e mais consistente a consciência nacional, pelo estudo e pela evocação das velhas tradições dos índios primitivos, tomadas quási como verdadeiras tradições patrióticas; depois duma época de *naturalismo* que — com os nomes de Aluísio de Azevedo, prosador admirável, autor de tão belos livros e duma obra prima *O Homem*; de Machado de Assis, o mestre indiscutido, escritor de raça, psicólogo subtil, que se pode comparar, talvez, a um Anatole France excessivamente sensível; de Joaquim Nabuco, filósofo de alto valor; e de outros ainda — deu à alma

das cidades e dos campos brasileiros intérpretes e críticos que lhe permitiu a si-própria criticar e aperfeiçoar-se; depois dum *parnasianismo*, a que o temperamento brasileiro logo insuflou um lirismo exaltado, e cujos principais corifeus ainda estão vivos e em plena glória, como Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, o delicioso Mário de Alencar, Augusto Lima, Filinto de Almeida, Emilio de Meneses, sem esquecer Múcio Teixeira, Vicente de Carvalho, Luis Murat, o encantador Raimundo Correia, mortos já, e Machado de Assis, que foi, além de prosador, um poeta interessantíssimo; depois desta natural evolução das letras brasileiras, em que as aspirações nacionais a cada passo se intensificavam e esclareciam, eis que todos os pequenos movimentos literários da Europa, melhor direi, da França — pois que é através da França, como tão justamente o fez notar Medeiros e Albuquerque que o Brasil comunica com a Europa intelectual — se reflectem e propagam na grande nação transatlântica. O simbolismo, o naturismo, o paroxismo, o unanimismo — são discutidos, seguidos, criticados. Um inquérito, realizado há alguns anos por João do Rio (Paulo Barreto), que depois se tornou um dos mais queridos escritores da sua geração, demonstra a verdade desta afirmativa. Todas as ideias, todas as ambições, e, mesmo, todos os preconceitos literários dessa época se podem encontrar nesse volume de 300 páginas, em que o promotor do inquérito colleccionou quarenta respostas

dos principais escritores do Brasil. Mas — e era isso que eu desejava fazer notar — essa variedade de opiniões, quasi todas elas cheias de entusiasmo e de fé, não dá nunca a idea do desvario, da falta do equilibrio.

Sem que tenham, talvez, consciência de tal facto, êsses poetas, êsses romancistas, êsses criticos, nunca deixam enredar a sua sensibilidade e a sua intelligência na complicação de certas ideas, que defendem — ou julgam defender. O seu sentimento natural, o seu sentimento espontâneo, vivo e sincero, de povo novo e enérgico, permite-lhes ir além da estreiteza das concepções e das teorias, e encontrar, para se exprimir, novas fórmulas, novas modalidades de pensamento, inteiramente suas. O sentimento de independência dos brasileiros é muito vivo; e as suas ambições patrióticas podem resumir-se nesta frase lapidar do eminente Silvio Romero, que foi, e é ainda pela influência decisiva que soube impor, uma das fôrças directoras da mentalidade brasileira de hoje: *«Independência literária, independência scientifica, independência politica — eis o sonho da minha vida! Tal deve ser a tríplice aspiração do Porvir!»*

De resto, basta ler os livros brasileiros mais *representativos* para constatar esta verdade. O caso de Bilac, de que há pouco falei, é tipico. O seu livro de poemas abre por uma respeitosa e fria, ainda que bela, invocação à forma, ao estilo. É quasi

Gautier, pela correcção impecável; quasi Banville, pela inspiração excessivamente parnasiana. Mas logo na página seguinte encontramos versos de amor violento e sensual, versos cheios da mais profunda emoção lírica, versos que hão-de existir eternamente na língua portuguesa como uma das suas mais belas expressões da volúpia e do desejo. Como acontece com a literatura portuguesa — cuja originalidade essencial em face das outras literaturas de Europa é assegurada por um carácter permanente e geral: o *lirismo* — também uma só e igual característica torna originaes e *nacionais* todos os escritores brasileiros de valor: — e é ella também o *lirismo*, mas um *lirismo* sensual, e, ainda, mais de acção, de esforço e de realização de que o *lirismo* português. Muitas vezes, mesmo, philosophico e social. O que facilmente se comprehende: — o Brasil vive em plena efervescência criadora e a sua literatura não pode senão contribuir, exaltando-o e intensificando-o, para esse movimento de civilização e de progresso. A fábula de Tirteu é, e será sempre, uma grande verdade social...

No emtanto, houve e há ainda no Brasil muitos poetas tristes e elegiacos. Alguns, como Cruz e Sousa, já morto, encontraram no simbolismo a sua fórmula de arte: — mas o seu simbolismo é sobretudo romântico, luxuriante de emoção, pesado de sentimento. Veja-se, por exemplo, a obra tão interessante de Félix Pacheco, que se diz simbolista

— os seus dois livros de poemas *Mors-Amor* e *Luar de Amor*, são, afinal, elegias admiráveis, cuja profunda ternura e serena melancolia triunfam sempre das teorias que o seu autor quis realizar ou das bizarrrias de forma com que quis *deslumbrar o burguês*. Outros, como Mário Pederneiras, recentemente morto e tão querido da mocidade de seu país, nem procuram esconder a sua sensibilidade impetuosa: — a poesia de Mário Pederneiras é uma fonte de cristalina sensibilidade, carinhosa e doce. Mas em todos êsses poetas, e em tantos outros de que seria impossível falar sem tornar êste artigo excessivamente grande, encontramos a mesma força de lirismo — dum lirismo que não é senão frenesi, exasperação de sentir e de viver.

Lirismo que vamos também verificar na obra dos prosadores. Leia-se o *Chanaan*, de Graça Aranha. Será um romance social, como dizem? Sem dúvida, porque o seu autor nele estudou um dos aspectos do grave problema das raças emigrantes no Brasil. Mas que ternura ardente, que emoção, corre dessas páginas admiráveis, em que vibra e canta a alma do Futuro! A fertilidade dos campos brasileiros, a energia dos estrangeiros que ali vão tentar fortuna, a audácia tranqüila da gente da terra, a sua inteligência, talvez rudimentar, mas completamente adaptada às exigências da vida ambiente, tudo isso não vem aí descrito — no sentido vulgar da palavra: — tudo nos é sugerido em diálogos li-

ricos, em notações poéticas, em sínteses rápidas e poderosas, sem nunca excluir, no entanto, uma amplitude de pensamento que tornam o *Chanaan* um dos mais belos romances da moderna literatura brasileira.

Mais fecundo, mais pletórico de estilo, mais prodigo de imagens, Coelho Neto — outro grande romancista — não renega as tradições literárias do seu país. Pelo contrário. Os seus livros, — mais de sessenta! — escritos maravilhosamente, com um poder verbal e uma imaginação verdadeiramente prodigiosa, dão-nos a ideia de grandes frescos murais, de vastos poemas da natureza e da vida. Não quiere isto dizer que lhes faltem qualidades de observação: — as personagens e o meio em que o evoluem são estudados carinhosamente; e a análise dos caracteres é muito exacta. Mas no conjunto da sua obra há um aspecto que sobretudo nos impressiona: — um aspecto de majestade e de vastidão, como aquele que nós recolhemos ao contemplar as florestas imensas do Brasil. Do *Sertão* ao *Rei Negro*, da *Treva* a *Banzo* — que extraordinária epopeia! Todo o esplêndido vigor da selva brasileira se expande nas páginas ardentes destes volumes, que parecem viver da existência profunda e misteriosa das seivas e das florações.

Com menos ímpeto, sem dúvida, mas com uma sensibilidade mais subtil, mais aguda, numa palavra: — mais feminina, a Senhora D. Júlia Lopes de

Almeida escolhe de preferência os assuntos familiares e simples, procura e decifra o segrêdo das almas honestas e puras. O seu belo romance *A Intrusa* — entre tantos outros de raro merecimento — é uma obra-prima de análise psicológica e de estilo singelo e sugestivo. D. Júlia Lopes de Almeida começou a sua carreira literária pela poesia: — e isso vê-se bem, pelo seu idealismo cândido e pela sua visão *nuancée* da vida...

Mais moços, ainda que muito conhecidos já, Afrânio Peixoto e Alcides Maia representam talvez duas das correntes mais acentuadas da moderna literatura de além-Atlântico. O primeiro com o seu romance *A Esphynges*, em que estuda um caso de amor muito delicado — a história dum artista fraco, de carácter que se apaixona por uma rapariga de alta sociedade e que abandona a sua arte por êste amor sem grandeza — descreve a vida cosmopolita do Rio de Janeiro, as suas elegâncias, o seu mundanismo, a psicologia da sua civilização recente e que não sabe ainda disfarçar a violência do seu ímpeto de progresso sob o scepticismo e a ironia das velhas civilizações. Afrânio Peixoto escreveu na *Esphynges*, o romance da cidade ou, para melhor dizer, da alta sociedade do Rio de Janeiro: — e assim afirma-se, já não direi como alguém que despreza a natureza e a sua inspiração, mas pelo menos como uma mentalidade que não quer ver no Brasil senão a sua civilização. De resto, são nume-

rosíssimos os escritores que possuem ou adaptaram essa modalidade mental. Na atitude contrária se encontra Alcides Maia:—é um tradicionalista, e quer que critique Machado de Assis, ou escreva as páginas evocadora da *Tapera*, ama e celebra o seu país nas suas forças de tradição e de beleza permanente. É, na verdade, um prosador de grande merecimento — que há-de sempre saber fazer amar, como o seu directo e próximo ascendente espiritual: Coelho Neto, a vasta beleza das paisagens brasileiras...

Muitos outros escritores podiam e deviam ser citados aqui. Mas não é possível fazer deste rápido esboço um volume de crítica literária, ou um simples catálogo de nomes. Toda uma mocidade enérgica e activa, cheia de talento, sequiosa de originalidade, mas seguindo sempre as tradições brilhantíssimas dos seus antecessores, triunfa actualmente no Brasil: — poetas e prosadores — Goulard de Andrade, Alvaro Moreyra, Martim Fontes, Carlos Maúl, Homero Prates, Olegário Mariano, Sebastião Sampaio, João do Norte, etc., todos tão inteligentes e tão sensíveis — procuram exprimir a beleza da terra em que nasceram, ou a complexidade quasi assustadora dessa vida vertiginosa que é a vida no Brasil, e que Paulo Barreto soube adivinhar e narrar com um maravilhoso sentido da realidade e um grande e carinhoso amor do seu país.

Paulo Barreto: — eis um nome de que eu já fa-

lei e que é preciso não esquecer. Prosador, novelista, dramaturgo, antigo director dum dos mais literários jornais do Rio, membro dessa Academia Brasileira de Letras que não é, como muitas das academias da Europa, um lugar de repouso, mas uma casa ilustre onde afincadamente se trabalha pela defesa e propaganda da literatura brasileira — personifica a alma inquieta do Brasil neste momento singular da sua evolução. Toda a sua obra é a expressão fiel do esforço intenso do seu país para uma maior cultura e uma mais perfeita civilização. Quem quiser conhecer, por alguns volumes impressivos e brilhantes, a sensibilidade e a inteligência brasileiras actuais, o seu desejo de saber e de conquistar mais força de carácter e, sobretudo, a sua formidável ansiedade de realização — é absolutamente indispensável ler êste perfeito escritor, cuja alma é um eco sonoro das ambições, das lutas, das paixões e das belezas da sua pátria. Artista — criou um estilo poético e conciso, que seduz e encanta. Jornalista — soube conservar, da sua profissão, a espontaneidade de impressões e de observação directa, e a visão rápida e penetrante, tão indispensável para bem compreender uma sociedade em pleno e vertiginoso movimento, como é a sociedade brasileira.

II

O jornalismo é, de resto, um dos grandes poderes sociais do Brasil, sendo, ao mesmo tempo, um viveiro sempre fecundo de talentos, do qual têm saído todos ou quasi todos os escritores mais illustres. Quasi todos os que já nomeei são ou foram jornalistas. Os criticos — tambem: — como Araripe Junior, duma tão profunda acuidade de pensamento; como João Ribeiro, José Verissimo, Silvio Romero. Os poetas, tambem. O jornalismo constitui, com efeito, por varias razoes, — economicas, mesmo, porque só pelo jornalismo quasi é que o escritor pode ganhar dinheiro ao Brasil — a verdadeira *saida* poetica para os homens de letras. A sua força social é enorme e a sua influencia profunda: — foi e é sempre no Brasil o mais seguro veiculo de progresso e de civilização. Ao seu auxilio, à sua propaganda, ao seu estímulo patriótico se deve em

grande parte o Brasil moderno. Não há questões importantes para a nacionalidade, que aos jornais não mereçam estudos documentados e discussões sérias. Orientam o público, com consciência segura da missão que desempenham. É na escola do jornalismo que os prosadores aprendem a aperfeiçoar o seu estilo, que os poetas começam a sentir e a adivinhar a vida. A crónica literária, o conto, a crítica de livros ou de arte — nunca faltam nas colunas dos bons jornais do Rio, de S. Paulo, de Pernambuco, de Baía, de Pará, e doutros centros intellectuais menos conhecidos. Entre a monstruosa prodigalidade de informações, de telegramas de toda a parte do mundo, de conselhos, de anúncios, de reclamações, que apresenta todos os dias essa gigantesca enciclopédia da imprensa brasileira que é *O Jornal do Comércio* — desenvolveu-se e aperfeiçoou-se o talento subtil de João Luso, o célebre cronista dos domingos, autor dramático; contista e crítico literário, cuja sensibilidade possui um indiscutível encanto. Um dos directores do *Jornal do Comercio* é um poeta — Félix Pacheco — cujo belo sentimento lírico não o impede de ser um dos deputados mais escutados e respeitados do Parlamento, em matéria de finanças. Outros redactores são também autênticas celebridades literárias ou moços talentos os de futuro brilhante. Este facto, que se dá em quasi todos os jornais, cria-lhes um ambiente muito especial e eminentemente intelec-

tual que — apesar da opinião em contrário de alguns jornalistas, fatigados pelo excessivo trabalho da tarefa quotidiana — não pode ser senão favorável à literatura. A importância que neles se dá a todos os acontecimentos literários, prova-o de modo evidente. Veja-se, por exemplo, *O País*, jornal muito bem feito, mas especialmente dedicado à política: — nunca deixa escapar uma ocasião de falar de cousas de arte ou de literatura. E já não falo da *Gazeta de Noticias*, que acompanhou ou anunciou todos os movimentos literários do Brasil e onde colaboraram os maiores escritores brasileiros e portugueses. No *Correio da Manhã* há sempre, a abrir, uma crónica literária. *O Imparcial* dedica muitas das suas gravuras a acontecimentos de carácter intellectual. *O Estado de S. Paulo* tem uma admirável colaboração literária. E nenhum jornal, dos maiores aos mais pequenos, do Rio, de S. Paulo ou das outras províncias, deixa de demonstrar a mais viva solicitude e o mais solícito carinho pelas manifestações intellectuais do meio em que se publicam, contribuindo assim, de maneira eficaz, para o progresso dêsse meio.

Assim, a profissão de jornalista é ali consideradíssima. E homens influentes na política, como Alcindo Guanabara, por exemplo, não hesitam em considerar-se, ao escrever para a imprensa, como exercendo uma das mais nobres funções do seu espírito e do seu carácter.

Um facto que se passou durante a minha estada no Rio de Janeiro, em 1912, fez-me nítidamente compreender a importância da imprensa brasileira sob o ponto de vista artístico: — foi a criação do Teatro Nacional. Exceptuando os dramas e comédias de Martins Pena e de Artur de Azevedo — ambos mortos já — e de tres ou quatro autores de menor importância, pode dizer-se que não existia nessa época o teatro brasileiro: — quasi todas as peças representadas no Brasil e quasi todos os actores são ou eram portugueses. No entanto, nascera há muito nos meios cultos a ambição de criar um *teatro nacional*, com peças brasileiras, actores e actores brasileiros, e até scenógrafos brasileiros. Esta idea, agitada primeiro nos cenáculos literários, não tomou verdadeiramente corpo senão no dia em que a imprensa a quis defender e propagar. A *Gazeta de Notícias*, que foi sempre — repito-o — um dos jornais mais literários do Brasil, fez dela uma propaganda tão inteligente que, dum dia para o outro, a criação do Teatro Nacional se tornou num facto inteiramente realizado: — o governo, ou, para melhor dizer, a prefeitura concedia-lhe um subsídio; as peças apareceram, e começaram a ser logo ensaiadas, e numa noite de batalha e de triumpho a primeira era representada, e freneticamente aplaudida, no sumptuoso edificio do Teatro Municipal. Os autores das peças eram Coelho Neto, Júlia Lopes de Almeida, Paulo Barreto — nomes já co-

nhecidos — Pinto da Rocha, talento generoso, e Roberto Gomes, cujo drama *Canto sem palavras* lembra a sensibilidade aguda de D. João da Câmara e de Henri Bataille. O grande successo da estação foi a *Bela Madame Vargas*, de Paulo Barreto, — tres actos de paixão violenta, escritos nervosamente e magistralmente dialogados. Mas todas as outras peças contribuíram, como esta, para deixar no público a segura impressão de que o Teatro Brasileiro estava fundado, e em alicerces de tal modo sólidos que ninguém mais o poderia destruir.

E assim aconteceu, com efeito. Porque se as personalidades que lançaram e fizeram vingar a idea se separaram depois, o certo é que as peças de autores brasileiros continuam a aparecer, e a ser representadas com êxito indiscutível.

Esta realização quási instantânea dum ideal de arte — foi, na verdade, um facto notabilíssimo. Corresponhia, é certo, a uma velha aspiração já defendida pelo dramaturgo Artur de Azevedo. Mas, como o fiz notar há pouco, nunca ela se teria efectuado se a imprensa não tivesse posto todo o seu esforço, toda a sua influência ao serviço de tão bela causa. Esta influência, este esforço nunca faltaram, de resto, a todas as grandes iniciativas brasileiras. Nunca. E se algumas vezes ouvi certas pessoas queixarem-se de que os jornais eram, pelas suas acesas discussões políticas e por um espírito de irrespeito, às vezes excessivo, um pouco responsáveis por certos actos

de indisciplina social — a verdade é que os serviços por êles prestados ao progresso e à expansão brasileiras são tão grandes, que se tornam mais do que suficientes para conferir indiscutíveis cartas de nobreza à imprensa brasileira e para provar a existência da sua alta e permanente função civilizadora.

III

Tudo o que tenho dito, neste rapidíssimo esboço, demonstra — creio eu — que o meio social brasileiro é muito culto e que, bem latino apesar da confusão de raças que se misturam e se amalgamam sobre êsse solo fecundo e acolhedor, ama acima de tudo a inteligência, o espírito e a arte. Com efeito, ao lado dos progressos, cada vez maiores, da literatura e do jornalismo, não devemos esquecer a paixão pela arte e pela ciência que tanto caracteriza a psicologia do povo brasileiro. O seu amor, a sua devoção pela arte — que ainda ouço às vezes contestar em Portugal — não podem ser postos em dúvida por quem, como eu, teve a felicidade de visitar uma exposição de pintura e de escultura no Rio de Janeiro. A afluência do público era uma clara demonstração do interesse que a toda a sociedade

brasileira merecem as manifestações artísticas; e a afluência, e também a qualidade dos trabalhos expostos mostravam a vitalidade dessa manifestação. Artistas como Bernardeli, como Visconti, como Baptista da Costa, como Parreiras e outros, mais jovens, formando uma falange audaciosa e procurando inspirar-se na alma do seu país, na vibração vitoriosa do povo — são a honra e a glória supermas, não sómente da arte brasileira, mas da arte mundial. Sempre a energia brasileira se afirma e domina. Fica-se estupefacto diante da existência dêsse facto e, também, de tudo quanto êsses artistas possuem em si-mesmos de verdadeiramente nacional, de tudo quanto dá às suas obras o seu valor étnico e lhes permite formar, no seu conjunto, um património de beleza e de tradição artística, num país onde, por assim dizer, a vida nacional só há poucas dezenas de anos tomou o seu definitivo carácter. Nos pintores paisagistas, por exemplo, observei uma tendência bem nítida: — a de não pintar senão paisagens, senão aspectos brasileiros. Muitos dêles, tendo feito a sua educação no estrangeiro, não se deixaram levar pelas sugestões do ambiente que os rodeava durante a aprendizagem: — chegados ao Brasil, não querem senão traduzir a beleza e o esplendor da terra, do sol, da côr do seu país. Será isto um nacionalismo excessivo? Não creio! Em todo o caso, excessiva ou não, tal atitude é mais do que justificável numa terra em que

tantas influências diversas se chocam, em que tantas diferentes nacionalidades se espalham e vivem.

Êsse mesmo sentimento patriótico anima também os homens de ciência. Historiadores, como o erudito Oliveira Lima, explicam a formação da sua pátria colocando-se num ponto de vista que, sem deixar de ser exacto, é, no entanto, voluntariamente patriótico, nacional: — a *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira*, dêsse autor, é a prova admirável disso. Homens que se dedicam a estudos jurídicos e sociais, como o eminente Clovis Bevilacqua; como Rodrigo Octavio, que tão dignamente tem representado o Brasil nas conferências de direito privado, na Haia e em Bruxelas; como Veloso Rebêlo, cujos trabalhos são conhecidos em França, na Bélgica, nos Estados Unidos — criam, por meio das suas obras, a reputação e a glória do Brasil nesse domínio científico. Médicos, como Afrânio Peixoto, Austragesilo, Juliano Moreira, célebres higienistas; engenheiros audaciosos, como Teixeira Soares que, em Coritiba, desprezando os conselhos prudentes dos seus colegas estrangeiros, construiu um caminho de ferro rodeando uma subida vertiginosa, debruçado sôbre abismos terríveis e vencendo dificuldades insuperáveis — são a prova fulgurante da capacidade científica dos brasileiros. Certo, o seu esforço, o seu trabalho, tem quasi sempre uma orientação prática — porque o Brasil, em pleno período de desenvolvimento formidável,

exige mais que os seus homens sejam realizadores do que fazedores de teorias. Se é possível citar o nome de alguns sábios que vivem fora das contingências e das realidades imediatas — como o nome do biologista Rodrigo Domingos Pereira, conhecido em toda a Europa — a verdade é que a maior parte dos grandes cientistas brasileiros são criadores de *progresso imediato* para o seu país.

É por isso que se tornam logo populares e queridíssimos das multidões: — tal aconteceu com o genial Oswaldo Cruz, que conseguiu o saneamento do Rio de Janeiro e doutras regiões do Brasil, com uma maravilhosa e perfeita rapidez: onde êle chegava, desapareciam todos os agentes de doença e de febre; tal acontece com o eminente sociólogo Miguel Calmon, nomeado para reger em Portugal a *Cadeira de Estudos Brasileiros* da Faculdade de Letras, que prestou ao seu país, entre outros e incalculáveis serviços, o serviço indispensável de regulamentar a emigração duma maneira completa e matematicamente deduzida.

Não deve também esquecer-se, já que se trata dos progressos materiais do Brasil, o nome do antigo prefeito do Rio, Passos, que soube, rodeando-se de colaboradores dedicados, transformar a velha e abafada cidade, que era dantes a capital federal, numa cidade moderna, de largas avenidas, iluminada deslumbrantemente e limpa como nunca foi nenhuma grande cidade da nossa Europa latina...

O sentido das realidades práticas é, na verdade, muito desenvolvido nos brasileiros — e expande-se, com singular brilho e actividade crescente, na *élite* da nação, sem contudo lhe fazer perder a sua sensibilidade e o seu amor pelas criações do espírito. Um caso admirável da união dessas qualidades, só aparentemente diversas, é o do escritor e engenheiro Euclides da Cunha, já morto, mas que era uma das mais fortes mentalidades do seu país. Num dos seus livros, *Sertões*, escreveu um dos mais interessantes capítulos da história natural e social do Brasil. E esse volume há-de tornar-se um livro clássico nas letras brasileiras, porque é um modelo de estilo, de emoção — e de excepcionalíssima erudição. Nele se conta a história duma expedição ao interior do Brasil, e o combate contra as raças primitivas ali encontradas, e sucumbidas, por fim, diante dos representantes da raça mais forte, porque mais apetrechada, mais sabedora, mais resistente. Todo o volume é uma sábia, profunda — e atraentíssima — dissertação sobre a floresta, o solo, os costumes da região explorada. Pode seguir-se, pelo prestígio duma prosa rica de imagens e de colorido e dum conhecimento absoluto e raro do assunto, toda a marcha duma civilização conquistadora — neste livro realmente extraordinário, e transbordante dos mais claros ensinamentos de patriotismo e de força consciente...

IV

Mas para avaliar tudo de quanto é capaz o patriotismo e a energia brasileiras — não é possível esquecer a organização do ensino, sobretudo no Estado de S. Paulo, cuja capital é, de resto, considerada no Brasil como a metrópole da inteligência nacional. O que nesta cidade se tem feito, pela educação e pelo ensino, é na verdade magnífico. O ensino primário, o ensino normal, o ensino profissional estão ali organizados, orientados e instalados de maneira perfeita. O ensino superior está em via de os imitar. Não sómente o govêrno do Estado se interessa vivamente pela resolução do problema pedagógico, dando-lhe toda a sua atenção e concedendo-lhe todos os subsídios necessários à sua boa resolução, mas também toda a cidade, todo o Estado exige que êsse interêsse e essa atenção au-

mentem de dia para dia. A instrução é consagrada um quinto da despesa total do Estado. Mas as Escolas estão tão bem instaladas, os professores tão bem pagos, as instalações são tão completas, que a gente tem a idea de que a verba despendida ainda seja maior! Depois, uma intensa atmosfera de intellectualidade paira em toda a parte: — na Escola Normal, dirigida ainda hoje, segundo creio, pelo Dr. Óscar Thompson, sente-se a influência duma intelligência moça, ávida de conhecimentos, ansiosa sempre de perfeição. Nunca fiz o mais ligeiro elogio a êsse homem tão distinto e tão arguto, a propósito duma aula, duma classe, duma orientação de ensino, que êle deixasse de me responder: — *vamos fazer melhor*. E, com efeito, ali se notava um desejo constante de progresso, de melhoria, de aperfeiçoamento do mecanismo pedagógico.

É uma leitura altamente elucidativa a do *Anuário do Ensino em S. Paulo*. Nela se colhe uma bela lição de trabalho e de capacidade educativa. Compõe-se sempre dum pequeno relatório do Director Geral, de muitos relatórios — curtos, também — dos Inspectores Escolares e de numerosos mapas estatísticos. Nesses relatórios todos não se encontra o menor vestígio de retórica: mas, apenas, uma teimosa e intelligente ambição de obter sempre um bom ensino, de contribuir para êle por meio de observações cuidadosas e de conselhos justos. É esta, de resto, a mesma impressão

que recolhemos visitando escolas, observando o trabalho dos professores e professoras, assistindo às aulas, sempre tão vivas, tão alegres, tão consoladoramente bem dirigidas...

De certo, ninguém pode afirmar, exageradamente, que esteja ali a última palavra da pedagogia: — mas todos os progressos, todas as descobertas modernas, sobretudo aquelas que têm vindo dos Estados-Unidos, em S. Paulo se encontram, aproveitadas e aplicadas com talento, prudência e entusiasmo.

Todos os governantes de S. Paulo compreendem — e entre eles é justo citar o Dr. Altino Arantes, actual Presidente do Estado e então Ministro do Interior — que é necessário organizar o ensino de modo a fazer-lhe produzir o máximo do seu desenvolvimento social. Numa região rica e fértil, cuja população é, na sua maioria, pobre, porque a emigração, sobretudo de italianos, é ali enorme, é natural que os habitantes aprendam a trabalhar. Daí, todo o grande cuidado que S. Paulo começa a ter pelo ensino profissional. Duas escolas — uma masculina e outra feminina — estavam, em 1912, instaladas em S. Paulo ha dois anos e meio. Mas, quando em quási toda a parte a organização de duas escolas como essas — absolutamente bem organizadas e podendo dar todas os seus resultados — leva muito tempo para se desenvolver com toda a expansão de que carece, eis que as Escolas Profissio-

naes de S. Paulo, um ano depois da sua fundação, tinham já fornecido aos seus alunos a preparação suficiente para que elles pudessem ganhar logo a sua vida, se porventura fossem forçados a não continuar os seus estudos, neste momento. E é bom não esquecer que nada, absolutamente nada, existia feito em S. Paulo sobre esse ramo de ensino: — os directores e professores das duas escolas foram a Buenos-Aires estudar a organização dos estabelecimentos congêneres, e orientados também pelo nosso eminente compatriota Tomás Bordalo Pinheiro, que merecidamente é estimado, admirado e seguido na metrópole da intelligência brasileira, realizaram esse prodígio de estabelecer quasi de repente o ensino profissional em S. Paulo — de repente e de maneira perfeita.

O ensino superior, sobretudo o ensino superior técnico, toma também, a cada instante, um desenvolvimento maior — e entre todas as razões que levam os governantes a cuidar dêlle, uma há eminentemente patriótica: — a de evitar o êxodo dos jovens brasileiros que vinham estudar, e também desnacionalizar-se um pouco, à Europa. Cidade em plena febre de construção, e em pleno e triunfante industrialismo, como todas as cidades do Brasil, S. Paulo, mais do que todas elas avisada, pensou em resolver esse problema grave de preparar ella — própria os seus engenheiros, os seus construtores, os seus architectos, os seus industriais, os seus

mecânicos. E conseguiu o que queria. Os seus cursos técnicos são muito bem orientados, e as suas instalações práticas deixam satisfeitos os professores mais exigentes.

Poderia ainda falar de vários outros aspectos do ensino em S. Paulo, como por exemplo da ternura excepcional das suas professoras, que têm pela criança o mais doce, o mais profundo, o mais dedicado amor e carinho. Mas não esquecendo que S. Paulo é, em matéria de educação, o orientador de todo o Brasil, e que do viveiro da sua Escola Normal saem mestres para toda a vasta República, quero sómente fazer notar uma circunstância de alto valor: — o espírito patriótico que anima o ensino paulistano. Como o elemento estrangeiro, sobretudo o italiano, ameaçava submergir o elemento brasileiro e o português, também — é interessantíssimo observar o cuidado ciumento que os professores da Escola Normal têm em ensinar um português vernáculo, um português quasi excessivamente clássico — compreendendo e querendo que êsse ensino seja o melhor antídoto contra uma provável, se bem que impossível, desnacionalização. Nas Escolas primárias, na Escola Normal, no Conservatório Dramático e Musical, que o Dr. Cardim dirige com rara competência, o estudo do português é feito com escrupulosa meticulosidade, e não é raro encontrar, em pessoas cuja profissão não permite uma vasta cultura literária, um conhecimento profundo da lín-

gua e da literatura brasileiras — e portuguesas. Foi a defesa contra a invasão duma língua estranha, que, por assim dizer, criou essa cultura literária: — e tal defesa deu e dá resultados maravilhosos. De resto, esta preocupação nacionalizadora estende-se até a própria alma do ensino. Não há melhor documento para o demonstrar do que as seguintes palavras do Dr. Thompson, pronunciadas por ocasião duma festa escolar, a que a actual e formidável conflagração mundial dá uma flagrante oportunidade:

«Mas queremos que a escola se oponha à formação duma pequena Alemanha no sul do nosso país, dum pequeno Portugal no Rio e duma pequena Itália em S. Paulo. Sim, essa escola, como a queremos, jamais permitirá a dispersão da fisionomia nacional; e, do nosso passado, quer nos dias de paz, quer nos dias de guerra, tirará grandes ensinamentos para formar o espírito da nova geração brasileira.

«Tomai, senhores professorandos, além doutros encargos, esta honrosa e patriótica tarefa, qual a de operar a assimilação do estrangeiro, que às nossas terras chegar por qualquer motivo».

É este fervoroso espírito patriótico que fez do ensino em S. Paulo alguma cousa perfeitamente, profundamente nacional — apesar da constante admiração pelos progressos pedagógicos do estrangeiro, admiração que, no fundo, não é senão

o claro sintoma do impulso irresistível, do amor ao trabalho, do frémito de activa juventude que leva toda a sociedade brasileira, do Sul a Norte do país riquíssimo, para novos e gloriosos triunfos...

Aproximação artística
luso-brasileira

APPROXIMATED ARTISTICA
INNOVATION

Aproximação artística luso-brasileira

(Conferência realizada, a convite da
Direcção da Sociedade de Belas-Artes,
no Palácio de Exposições da mesma
Sociedade, em 30 de Janeiro de 1919).

Antes de mais nada, e para que não pareça estranha a minha presença neste lugar, devo dizer que se algum direito tenho de vir aqui falar do Brasil, e da sua Arte —êsse direito nunca poderá ser um *direito de competência, um direito de erudição*, mas, unicamente,—um *direito de amor*, o direito que à minha apagada personalidade confere o meu sincero, o meu entusiástico, o meu profundo amor pelo Brasil.

Êsse direito, quando mesmo mo não quisessem conceder, confesso orgulhosamente que o tomaria para mim. Porque, de muito longe, e, sobretudo, desde a rápida, mas inolvidável viagem que, em 1912, realizei ao Rio de Janeiro e a S. Paulo,—eu amo entranhadamente êsse país, que é irmão do meu, eu quero devotamente a êsse prodigioso em-

pório de nova civilização, onde a vitalidade duma raça impetuosa cria, a todo o instante, novas formas de progresso, novas modalidades de cultura e de energia; e onde no entanto se adivinham, remoçados, é certo, mas indeléveis, os traços bem amados da velha fisionomia, da velha alma portuguesa! É com saúde, que jamais se apaga ou desvanece, que eu lembro sempre a minha estada no Brasil: e sinto que, se nunca ali tivesse passado algum tempo, a minha educação de português e de patriota teria ficado incompleta. É que Portugal e Brasil são dois nomes diversos de uma igual personalidade moral. Só a incompreensão ou a ligeireza de espírito de muitos compatriotas nossos e, também, de muitos brasileiros, pode ter impedido que esta verdade, já de si evidente, se tornasse absolutamente clara, nítida, fulgurante aos olhos de todos. Não escapou ela, entre nós, a homens de alta envergadura, como foi Consiglieri Pedroso; não escapou ela, no Brasil, a inteligências altíssimas, como é, entre outras, a do grande Olavo Bilac, que tanto respeita o nosso país no seu supremo instrumento de conquista espiritual: a língua — por cuja pureza, vernaculidade e brilho pugnou sempre com desusado ardor. E foi na esteira dêsses homens ilustres, e de outros muitos que os seguiram ou precederam, que eu também me abalancei, um dia, a trabalhar pela vitória dessa causa — pela aproximação íntima e estreita dos dois países fraternos, que só um obstáculo (e digo só

muito propositadamente), um obstáculo único separa: o Atlântico... Todos nós sabemos, porém, que o mar, por tormentoso que seja, nunca foi obstáculo para a audácia dos portugueses; e nunca os impediu de levar longe, com a religião, com as mercadorias ou com a guerra, a sua sensibilidade, as suas ideias, as suas concepções da vida. Assim é o mar, também, para os nossos irmãos brasileiros. E as ondas que sôbre êle se encastelam e que transmitem a sua ondulação da costa lusitana à costa que Pedro Álvares Cabral descobriu num dia de boa fortuna, quero eu imaginar que de uma à outra conduzem, espelhado na verde transparência da água, o mesmo reflexo de sonho e de poesia, que é o permanente e doce reflexo da alma *uma* dos dois povos distantes...

Foi, é sempre esta certeza que me anima na minha campanha pelo estreitamento das relações luso-brasileiras. A ela dei e dou todo carinho da minha alma, e todo o esforço da minha inteligência: — e acho-me contente porque o faço, pois julgo assim cumprir um dever elementar de admiração e de reconhecimento pelo Brasil, e, ainda, um dever de patriotismo para com o meu próprio país.

Assim, eu creio não ser imodesto dizendo que a única razão porque estou hoje aqui é uma razão e um direito de amor. Nada mais. E se, como costuma dizer-se, amar é conhecer — eu talvez possa deixar transluzir nas minhas pobres palavras um

pouco da alma ardente e jovem, criadora e inovadora que é a alma do Brasil.

De resto, quando a ilustre Direcção da Sociedade de Belas Artes me convidou para falar nesta sessão solene — nesta sessão que tão grande importância tem e há-de vir a ter, sobretudo, para a aproximação artística dos dois países — eu logo objectei a minha incompetência notória em matéria de arte e a minha impossibilidade, portanto, de corresponder como devia a tão honroso convite. Foi-me respondido que, acima de tudo, era preciso exaltar e louvar a grandeza do Brasil. Não hesitei mais. E só lamento que a obscuridade do meu nome não permita dar a êsse louvor o brilho excepcional que ela requiere, e que todos nós, que estamos aqui, teríamos o dever absoluto de exigir. Trata-se, de mais a mais, de consagrar uma iniciativa admirável, cujos resultados não é lícito prever sem receio de ficar além do que elle promete, mas que está destinada à mais larga e à mais fecunda retumbância.

Penso, com effeito, penso firmemente que a resolução da Sociedade Nacional de Belas Artes, permitindo que os artistas brasileiros a ela pertençam com as mesmas garantias e direitos dos artistas portuguezes, é um passo decisivo para uma aproximação, não só artística, mas intellectual e social, entre as duas nacionalidades. Que entre elas existe já um affecto indestrutível, eis do que ninguém du-

vida. Mas não basta acreditar nesta verdade axiomática: — é necessário dar-lhe consistência e vulto; é necessário fazê-la passar da retórica dos discursos para o campo das realizações práticas. Eis o que fez a Sociedade Nacional de Belas Artes, com nobre espírito de solidariedade pelos artistas de além-Atlântico: — e, para maior destaque da sua utilíssima decisão, resolveu que ela fôsse acompanhada duma homenagem ao Brasil, conferindo diplomas de sócios honorários ao Presidente da República Brasileira, ao Director da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, o notabilíssimo pintor Baptista da Costa, e ao Senhor Embaixador do Brasil em Lisboa, o Dr. Gastão da Cunha, que pelo seu culto espírito, pelo seu amor da Arte, e, ainda, pela comovida ternura que lhe merecem as cousas de Portugal, tem como ninguém direito a todas as homenagens dos portugueses.

Alguma cousa de bom se tem feito ultimamente entre nós a favor da aproximação luso-brasileira. A República, criando uma Embaixada Portuguesa no Rio de Janeiro, e estabelecendo, na nossa Faculdade de Letras, uma cadeira de estudos brasileiros, para a regência da qual foi escolhido o distinto e erudito sociólogo Miguel Calmon, deu, oficialmente, um forte impulso a essa aproximação. Eu tive sempre, porém, uma fé muito maior na chamada iniciativa particular. E, sobretudo, sempre cuidei que não há possível solidariedade e carinho duradouro

entre dois países que se não baseie no conhecimento recíproco das manifestações literárias, intellectuais e artísticas. Não há muito um brasileiro, que nós todos conhecemos muito bem em Lisboa, Paulo Barreto — que, diga-se de passagem, tem sido um infatigável e fervoroso defensor dum melhor entendimento entre o Brasil e Portugal — escrevia estas belas palavras a propósito dum plano de aproximação entre o seu país e a Argentina :

«De qualquer forma, para o bem e para o mal, necessitamos conhecer-nos uns aos outros. É preciso traduzir os escritores, promover o intercâmbio intellectual, fomentar viagens d'esses escritores, estabelecer correntes de intimidade mental, discutir, comparar. Tenho a certeza de que, em vez de ser para mal, este íntimo conhecimento através das ideas e da Arte formaria a corrente vital capaz de dar ao continente a unidade fisionómica do espírito americano...» E diz ainda: *«A Arte não é sómente um expressão dos povos. É também um grande agente conquistador...»* Palavras profundamente verdadeiras — e singularmente oportunas, neste momento em que todos os países do mundo, ao clarão sangrento da guerra, parecem quèrer melhor penetrar na consciência dos povos seus amigos ou seus inimigos, para melhor os saberem amar ou para melhor se defenderem d'elles. Mas palavras que são, como nenhuma outra, applicáveis a Portugal e Bra

sil: porque, apesar de estarmos muito mais distantes dêste país do que da Argentina, estamos infinitamente mais perto dêle por todas as razões, já conhecidas e estudadas, de sentimento e de raça.

Ora foi o mesmo ponto de vista que Paulo Barreto enuncia, — o ponto de vista de que a Arte e a Literatura são os mais seguros veículos de aproximação entre dois povos —, foi êsse mesmo ponto de vista o que certamente guiou a Sociedade Nacional de Belas Artes, ao tomar a sua carinhosa deliberação. A primitiva idea tinha nascido, se me não engano, num banquete oferecido ao meu querido amigo, o pintor Navarro da Costa, cujo talento o nosso país consagrou pela aquisição dum quadro para o Museu de Arte Contemporânea, e que do Brasil chegara um dia com a idea fixa — e tão simpática! — de criar o intercâmbio artístico entre o seu país e o nosso. Nesse banquete, o escultor Costa Mota, que todos admiramos pela sua obra sincera e elevada e pela sua fé inquebrantável no progresso da Arte em Portugal, alvitrou, com efeito, que a Sociedade de Belas Artes concedesse aos seus camaradas brasileiros as mesmas vantagens que dava aos artistas portugueses. Logo êsse alvitre foi aceite; logo foi seguido e perfilhado depois por toda a Direcção da Sociedade; por causa dêle nos achamos aqui nesta noite de festa. Alvitre que, sendo generoso, é, sobretudo, justíssimo: — deve êle ter, por parte do Brasil, e seguramente o terá, o acolhimento que me-

rece, e provocar uma reciprocidade de tratamento, que dignamente coroará a resolução desta ilustre assemblea de artistas.

É com tranqüila confiança que o espero. E que venham todos os anos, do Brasil, os seus pintores e os seus escultores, trazer-nos a dádiva inestimável das suas obras! E que partam, de Portugal, todos os anos, os nossos pintores e escultores, a levar à grande República irmã a mensagem eloqüente da alma profunda e eterna da Pátria! Assim, a pouco e pouco, mas com êsses alicerces indestrutíveis que são a beleza e a glória, criar-se há, em sentimento, em pensamento, em compreensão mútua, essa confederação luso-brasileira, de que um português ilustre, o Dr. Bettencourt Rodrigues, se fez o apóstolo e o propagandista, acompanhado pela inteligência agudíssima de outro português bem conhecido de todos nós, o Dr. Coelho de Carvalho, antigo Presidente da Academia das Ciências de Lisboa.

Mas que se não crie essa confederação! Que ela seja, mesmo, uma impossível fantasia! Tanto e tão grande e tão inveterado é em nós o desconhecimento de tudo quanto diz respeito ao Brasil, que o facto de desvendarmos uma parcela, ainda que fôsse pequena, da sua alma, um momento do seu espírito, uma ansiedade ou um grito do seu coração, já constitui um serviço imenso que a nós mesmos, e ao Brasil, prestâmos.

É pela Arté que melhor se amam e compreendem os povos que nos são desconhecidos — repito. E se, pela contemplação e estudo da sua Arte, conseguimos fazer chegar até nós, palpitante e moça, a vida extincta de civilizações passadas, como não havemos nós de apreender, em face da Arte duma civilização actual e tão nossa irmã, como é a civilização brasileira, a vida íntima e forte que nela pulsa, e o seu maravilhoso poder de sonho e de idealismo?

Eu estou daqui adivinhando o successo da primeira exposição de arte brasileira nestas mesmas salas!...

E profetizo, sem mêdo de ser desmentido mais tarde, que será, em todos que a virem, funda e persistente a comoção ante os quadros de Amoêdo, Visconti, Baptista da Costa, Parreiras, Rodolfo Chambelain, Lucílio de Albuquerque, Oswald; ante as esculturas de Correia Lima, Bernardelli, António Matos, Armando Correia; ante as medalhas de Alberto Matos — para não citar senão os nomes de alguns autores mais conhecidos.

Estou mesmo em dizer que nem as paisagens mais estranhas ao nosso olhar, nem os coloridos mais diversos daqueles a que estamos habituados — hão-de ferir a nossa vista, de tal modo um secreto, mas infalível instinto, nos dirá, em face das obras de arte em que viva e se exteriorize a alma brasileira, de que essa arte é gémea da nossa arte,

como é gémeo do nosso lirismo saúdoso o lirismo sensual e ardente de Bilac e de Raimundo Correia.

Sei que esta afirmação pode parecer excessivamente paradoxal. Mas eu também sou poeta — e ninguém decerto me culparia de ter inventado uma ficção patriótica, se fôsse êste o meu intuito. Mas não: — eu estou realmente persuadido de que uma idêntica sensibilidade existe nos artistas brasileiros e portugueses. Idêntica sensibilidade — e nunca idêntica educação. Porque, na verdade, a influência da arte portuguesa no Brasil pode dizer-se nula. E o caso explica-se...

A Escola de Belas Artes, fundada, é certo, por D. João VI, começou logo por ter director e professores franceses. Para França começaram logo a ir, e vão sempre, os artistas brasileiros que querem estudar.

Neste amor pela França, de resto, nos aproximamos nós também, Brasileiros e Portugueses. E creio bem que êle significa, acima de tudo, a existência dum profundo sentimento latino, duma consciência, talvez obscura e mal definida, mas intensa, da nossa *latinidade* comum...

Ora, na miragem, aliás fecunda, dos ensinamentos a colhêr nos *ateliers* de Paris, muitas vezes se tem encontrado, e sempre acamaradado em amável convivência, os artistas dos dois países. Columbano, Ramalho, Teixeira Lopes, Artur Loureiro, e outros, foram companheiros, na capital francesa, de Vis-

conti, de Baptista da Costa, de Amoêdo — de muitos mais. Pois temos de constatar que nunca essa camaradagem estreita se transformou em influência recíproca. Foram sempre irmãos que se estimam, mas que seguem, com independência completa, o caminho que parece melhor e mais seguro a cada um... Mas há mais: — têm sido muitas as exposições realizadas no Rio de Janeiro de pintores portugueses, desde a exposição no Liceu Literário Português, desde a grande exposição colectiva de 1908, até muitas outras meramente individuais.

Malhoa lá esteve. João Vaz lá esteve. De Sousa Pinto lá admirei eu quadros em 1912. António Carneiro recebeu também no Brasil uma consagração carinhosa ao seu talento. Natural era que a arte de Malhoa, que, se não me engano, foi o primeiro pintor português que obteve um sucesso estrondoso no meio brasileiro — pelo menos essa, de qualquer modo deixasse rasto na técnica, no processo dum ou outro artista. Até onde posso julgar e falar de assuntos desta ordem, confessarei que nenhum prestígio de influência portuguesa verifiquei no Salão de 1912, no Rio, a que assisti, e que não me consta que nenhum crítico de arte a tivesse verificado. Não deriva isto, decerto, da má vontade do meio artístico brasileiro: — êle é constantemente generoso para os portugueses, e já o genial Rafael Bordalo Pinheiro experimentara o carinho excepcional dessa hospitalidade.

Nada mais, porém — além disso, que já é tanto. Sente-se, vê-se, constata-se, na verdade, a perfeita independência dos artistas brasileiros e portugueses.

Dir-se há agora: — que laço os irmana pois? *A sensibilidade, o lusitanismo comum.* É tudo — e é muitíssimo. Sensibilidade, lusitanismo que são a flor mais pura e mais fragante da alma da raça, a sua mais doce e mais eterna razão de ser...

Claro que sei bem a imensa diversidade de visão — permita-se-me o termo — que deve existir entre artistas portugueses e brasileiros, diversidade que nos próprios poetas e prosadores já se reconhece tão facilmente. O meio natural é, com efeito, tão diferente do nosso meio, a luz é tão outra, a paisagem tão oposta, quási, à nossa paisagem — a do Brasil toda em torvelinho de côres, em resplandecências de luz, em grandezas de contornos, em contrastes violentos; a de Portugal tão suave nas suas *nuances*, na lenta curva dos seus horizontes, na claridade tranqüila dos seus crepúsculos, na macieza das suas sombras — que não é quási possível imaginar que a mesma paleta as pinte a ambas, com uma emoção semelhante. Para dar uma idea mais aproximada do que seja a paisagem do Brasil, e mostrar quanto esta possui um encanto que não é o encanto da paisagem portuguesa, permitam-me que eu leia um trecho dum admirável poema do escritor brasileiro Vicente de Carvalho,

que é um dos grandes poetas da terra transatlântica. Eis êsse trecho :

Negra, imensa, disforme,
Ennegrecendo a noite, a despobrar-se pelas
Amplidões do horizonte, a cordilheira dorme,
Como um sonho febril no seu sono ofegante,
Na sombra em confusão do mato farfalhante,
Tumultuando, o chão corre, às sôltas, sem rumo ;
Trepagora alcantis por escarpas a prumo,
Erriça-se em calhaus, bruscos como arrepios ;
Mais repousado, além, levemente se enruga
Na crespaa ondulação de cômoros macios ;
Resvala num declive ; e logo, como em fuga
Precipite, através da escuridão nocturna,
Despenha-se de chofre ao vácuo de uma furna.

Do fundo dos grotões outra vez se subleva,
Surge, recai, ressurg... E, assim, como em torrente
Furiosa, em convulsões, vai rolando na treva
Despedaçadamente e indefinidamente.

Muge na sombra a voz rouca das cachoeiras.

Rajadas sorrateiras
De um vento preguiçoso arfam de quando em quando
Como um vasto motim que passa sussurrando :
E em cada árvore altiva, e em cada humilde arbusto,
Ha contorsões de raiva ou frémitos do susto.
A mata é tropical : basta, quási maciça
De tão cerrada. Ao pé do tronco dominante,
Que, imperturbavelmente imóvel, inteiriça
Sob a rija galhada o torso do gigante,

Uma vegetação turbulenta e bravia
Rasteja, alastra, fura, enrosca-se, porfia :
Multas de cragatás agressivos : rasteiras
Trapoeiras tramando o chão todo ; touceiras
De brejaúva em riste as flexas ouriçadas
De espinhos ; e por tudo, e em tudo emmaranhadas,
As trepadeiras, em redouças balouçando
Hastes vergadas, galho a galho acorrentando
Árvores, afogando arbustos, brutalmente
Enlaçando à jissara o talhe adolescente...
Cem espécies formando a trama de uma sebe,
Atulhando o desvão de dois troncos ; a plebe
Da floresta, oprimida e em perpétuo levante...

Acesa num furor de seiva transbordante,
Toda essa multidão desgrenhada — fundida
Como a conflagração de cem tribus selvagens
Em batalha — a agitar cem formas de folhagens
Disputa-se o ar, o chão, o orvalho, o espaço, a vida.

Na confusão da noite, a confusão do mato
Gera alucinações de um pavor insensato,
Aguça o ouvido ansioso e a visão quasi estinta ;
Lembra — e talvez abafe — urros de onça faminta
A mal ouvida voz da trémula cascata
Que salta e foge e vai rolando águas de prata.
Rugem sinistramente as multas sussurantes,
Acoutam-se traições de abismos numa alfombra.
Penedos traçam no ar figuras de gigantes.
Cada ruído ameaça, e cada vulto assombra.

Não há aqui o menor exagêro. E se, por momentos, imaginarmos que sôbre esta selva nocturna ful-

gura a luz do sol do Brasil, com o seu brilho candente e o seu calor fecundo, teremos uma idea do espectáculo grandioso que é, em pleno dia, uma floresta brasileira. Eu tive a boa fortuna de a conhecer — à floresta brasileira. E nos versos do poeta não acho um exagêro, nem uma sensação, nem uma imagem que não sejam exactas. A grandeza que êle canta existe realmente assim: — grandeza que chega a apavorar o pobre europeu que se abalança a contemplá-la de perto. Quando estive no Brasil tive essa fantasia: — e senti-me esmagado. Fiz mais: — quis, sòzinho, dar alguns passos entre o arvoredo altíssimo e densíssimo duma floresta que limitava uma fazenda de café ao sul de S. Paulo. Mas apossou-se de mim, ante a colossal altura dos troncos, ante o emmaranhado enlear de ramos e de lianas, ante o ruído que de toda a selva rolava, como uma onda interminável num mar sem fundo — apossou-me de mim, digo, um terror de tal modo pânico, um terror quási sagrado, que — confesso a cobardia — fugi para junto dos meus companheiros de passeio, e compreendi nítidamente, pela primeira vez, a coragem heróica que devia animar os nossos antepassados, quando desbravaram, na febre da aventura e da ambição, o solo virgem daquelle país admirável.

Alguns dias mais tarde, no Palácio do Govêrno, de novo me perturbei intensamente ao ver certos quadros de Parreiras: era a mesma impetuosa lou-

cura de natureza em delírio, o mesmo explodir de seiva, a mesma vertigem de luz e de côr que eu reconhecia nas telas do grande mestre. E nessa hora — devo dizê-lo com inteira franqueza — desesperarei de que um dia nós pudéssemos vir a amar em Portugal essa manifestação suprema da pintura brasileira.

Mas voltei a ver os quadros de Parreiras. Fui à exposição de que já falei. Olhei longamente os quadros expostos. E, começando a adivinhá-lo em certos retratos, para depois o encontrar até nos próprios quadros de paisagens, descobri, *quere-me parecer que descobri*, o parentesco que, mesmo nos seus pintores, liga Portugal ao Brasil: — não sei o que era bem; não saberei nunca explicar o que adivinhei, na insuficiência dos meus conhecimentos, na minha lamentável ignorância em matéria de arte. Mas o mesmo lirismo da raça portuguesa na maneira de encarar os assuntos, a mesma melancolia, a mesma *sauidade* de alma e de interpretação que hoje nestas salas podeis admirar nos mais altos representantes da Arte portuguesa do século — ali me surgiram também, ali me seduziram e fascinaram longas horas, palpitando umas vezes fulgurantemente, outras numa discreta e remota e delicada notação... A pouco e pouco, eu respirava um perfume de Beleza que era o suave perfume da Beleza da minha terra — como nos olhos da mulher brasileira eu sempre encontrei,

mais quebrado de languidez ou mais ardente de vida, o fulgor dulcíssimo que só se encontra nos olhos da mulher portuguesa...

Que misterio ascencial ascendia na obra dêsses artistas, que em mim próprio despertavam um eco fraterno de emoção? Brasileiros de hoje, portugueses de ontem — êles conservavam, na limpidez da sua formosura cristalina, a mesma fonte de ternura e de êxtase em que sempre se espelharam, nos corações lusitanos, a natureza e a vida.

Por isso, nunca me admirou muito que a Arte Portuguesa não tivesse tido influência na Arte Brasileira. Elas são dois ramos distintos da mesma árvore; alimentados pela mesma seiva, erguidos ao céu na mesma aspiração de luz, fremindo e pulsando na mesma avidez de florir e de frutificar. Não podem influenciar se um ao outro: — mas podem viver numa solidariedade estreita, como dois irmãos de fisionomia diversa, de estatura diversa, de sorriso diverso, que, no entanto, sentem a indestrutível, a invencível fraternidade do sangue. Cada um dêles terá, da vida, uma concepção particular; cada um dêles terá, do mundo, uma visão especialmente sua; cada um dêles tomará, na luta da existência, uma atitude que o outro não poderá imitar; mas o riso e as lágrimas, o amor e a saudade, o desejo e a capacidade de idealismo — tudo isso que é, afinal, o fundamento e a razão da vida, serão em ambos idênticos, em ambos desabrocha-

rão em revelações idênticas perante os espectáculos e os cenários da natureza e do homem. Se não fôsse assim, se assim não acontecesse, como explicar a perfeita adaptação de artistas portugueses ao meio brasileiro, de artistas brasileiros ao meio português? Como explicar o caso dos pintores João Vaz e António Carneiro, que trouxeram do Brasil alguns pequenos quadros, em que triunfa toda a majestade da paisagem e todo o esplendor da luz transatlântica? Como explicar o caso dêste Navarero da Costa, que, chegando a Portugal pela primeira vez há pouco mais de dois anos, sabe pôr nos seus quadros toda a melancolia, toda a graça subtil da nossa paisagem, toda a *gama* de tons do nosso céu, toda a mágoa dourada dos nossos crepúsculos, como se aqui tivesse sempre vivido, e tivesse sempre acariciado os seus olhos com a doçura do nosso sol, e nunca os tivesse acostumado à rutilância orgulhosa do sol do Brasil? Não, não podemos negar que a sensibilidade lusitana para todo sempre triunfou e vive àquem e além-Atlântico, alimentando, fortalecendo e orientando os talentos mais diversos, desde os poetas aos pintores, desde os mestres do ritmo e da rima aos mestres da côr, da forma e da luz...

*
* *

Perdoem-me... Deixei-me levar por uma idea que me é extremamente querida; e receio agora

ter exagerado ou mesmo ter errado no que disse. Pode ser, realmente, que não exista entre os artistas plásticos das duas nações a mesma identidade de alma que existe — essa, sem dúvida alguma — entre os poetas. Basta lembrar-nos que só brasileiros e portugueses entendem e cantam a *sauidade*!... Pode ser que eu exagere, com efeito. E se assim é, não tomem as minhas palavras senão como um apêlo, um incentivo para que nós, em Portugal, nos interessemos mais pela arte brasileira e a ela dediquemos um pouco (deveria ser muito!) do nosso respeito e da nossa admiração.

A nossa ignorância sobre o Brasil é, na verdade, fantástica e indesculpável. Não é só ignorância, mesmo; parece um desejo, um propósito de ignorância... Há casos curiosos, que o demonstram.

Um escritor e crítico de arte muito conhecido entre nós, homem de letras na mais alta acepção do termo, Manoel de Sousa Pinto, publicou um dia um livro sobre o Brasil: chama-se o livro *Terra Moça*. Foi editado em Portugal, por um livreiro português.

Era êle um admirável e documentado louvor à grande República de além-Atlântico. Pois bem: — vendeu-se a edição no Brasil, quási toda. Os nossos compatriotas não precisavam de se instruir...

Há mais: — quando voltei do Rio de Janeiro, realizei em Lisboa uma conferência com o título de *A Energia Brasileira*. Não há dúvida que tive público

para ouvir-me — e faço esta declaração para que não julguem que há despeito nas minhas palavras. Público e entusiasmo. Estavam então em Lisboa os oficiais do *Benjamin Constant*, que foram vitoriosíssimos por essa ocasião. Simplesmente, quando eu entrava para o teatro, antes da conferência um amigo meu, homem inteligente, homem culto, diz-me com um ar de profunda ironia: «*Que idea essa, de chamar à sua conferência «A Energia Brasileira». Preguiça brasileira é que devia ser! O calor lá é tanto!*»

Não conto estes dois pequenos factos para denegrir compatriotas meus. Muito menos, fazem-me esta justiça, por falta de espírito patriótico. Mas, precisamente, porque penso que é de bom patriotismo combater êsses preconceitos rotineiros sôbre um país que como nenhum outro devemos amar, e que inegavelmente conquistou — ainda há pouco o veio demonstrar, em face da guerra — o direito absoluto de ser estimado e louvado, como uma nação de consciência íntegra e de mentalidade superior.

Falar em preguiça brasileira é um êrro tão grosseiro como julgar que não há naquele país uma civilização moderna, vigorosa, inquieta, trepidante de anseio e de fôrça. Chega-se às vezes a pensar que todo o velho génio heróico e aventureiro de Portugal ali aportou para continuar — visto que a estreiteza do cantinho em que vive nos entibia um pouco... — as façanhas épicas de outrora,

transpostas em dedicação cívica e tarefa progressiva — de domínio sôbre a natureza e de embelezamento da vida.

E que trabalho — o trabalho que o Brasil tem desenvolvido para se tornar igual aos mais adiantados países do globo!...

A mesma seiva que sobe nos troncos altos das suas árvores altíssimas; a mesma victoriosa clari-
dade que irrompe das suas madrugadas incomparáveis; o mesmo arremêso fecundo das suas paisagens ricas — vive e sobe no sangue jovem dos seus filhos. Como falar em inércia dum povo que é, na verdade, energia, trabalho, actividade, espírito de iniciativa — e crença firme nos grandes destinos que o esperam? Sem a existência destas qualidades supremas e, sobretudo, sem a fé que anima e entusiasma, como explicar a extraordinária transformação material do Brasil, construindo, reconstruindo cidades com a facilidade com que se faz aqui um prédio? Como explicar a criação duma literatura original, com críticos, poetas, romancistas, cronistas, dramaturgos, iguais aos maiores das nações mais cultas? Como explicar a existência duma arte que dá pintores e escultores como todos os que já citei — e que, de instante a instante, se afirma com mais vigor e mais brilho? E cujas manifestações, num escasso século de independência, se colocam bem ao lado da produção artística daqueles povos, onde uma tradição perpetua a ado-

ração e a compreensão da beleza, orientando os temperamentos, disciplinando os espíritos, dando uns e a outros a noção de que continuam um esforço necessário à civilização da sua Pátria?

Esta noção, possuem-na também os artistas brasileiros: — possuem-na e ensinam-lha na Escola de Belas Artes, onde a evolução da Arte no Brasil é descrita com espírito de verdade, é certo, mas sobretudo com espírito de *nacionalismo*. E é isto mais uma prova da crença, da fé vitoriosa que se expande em toda a alma, em toda a inteligência brasileira.

Só para atacar, só para combater a nossa errada idea sobre a actividade brasileira — já se justificaria a resolução da Sociedade Nacional de Belas Artes, aprovando a proposta de Costa Mota. Mas outro fim ela tem — outro resultado ela vai ter. O fim, sem dúvida, é irmanar num mesmo ideal de confraternização os artistas brasileiros e portugueses. E o resultado será mais belo do que talvez suponhamos neste momento: — o resultado será encaminharmos as nossas almas, através da arte que de longe nos vier encantar, para as almas que, tão distantes, são gémeas de nossas, porque sabem sentir como nós...

Para podermos chegar a êste resultado máximo — que é o conhecimento, a aproximação espiritual de duas nacionalidades — carece-se da boa vontade e do entusiasmo de todos. Carece-se do auxílio do Estado. Carece-se da propaganda da imprensa. Ca-

rece-se da persistência dos homens que levantaram esta idea, dos homens que a realizaram, dos homens que lhe deram, que lhe dão apoio. Tudo isso virá, sem dúvida. E virá — não sómente porque constitua um acto de simples justiça — mas também porque se trata duma obra de futuro para a Pátria Portuguesa, duma obra de educação — permita-se-me o termo — para os nossos filhos.

É que — na verdade — dar a todos os portugueses a consciência exacta do valor do Brasil, é alargar-lhes a intelligência dos seus destinos, é torná-los mais orgulhosos pelo seu passado, é vivificar, ao contacto da moça e audaciosa civilização brasileira, as mais intuitivas energias da raça, e as mais fortes e puras aspirações do nosso idealismo construtivo. E é abrir, sôbre as duas margens distantes do Oceano Atlântico, as asas possantes do eterno espírito lusitano, ansioso de conquistar, no tempo e no espaço, a infinita, a suprema certeza dum futuro formidável, dum futuro de riqueza moral e material, de poder mental e artístico, e — não hesitemos em dizê-lo — de renovada supremacia no globo!

O Brasil e a guerra

O Brasil e a guerra

O Brasil e a guerra

Mais do que nunca, devemos hoje amar, honrar e admirar a terra gloriosa e a alma fraterna do Brasil.

E não só nós, portugueses: mas todos os latinos. Pois nesse país de prodígio, onde a vida é violenta e forte como o Sol, se criou, se desenvolveu e triunfou uma civilização essencialmente latina, uma civilização de *nuances*, de graça comovida, de inteligência fina, ao mesmo tempo cristã e pagã — cristã pelo espiritualismo profundo, pagã pela exaltação da beleza — e sempre entusiasta do Direito e da Justiça, com os sentimentos pautados pela noção do Dever social, com o pensamento amoldado à harmonia das ideias e das palavras. Civilização que, sendo moderna, parece durar há séculos, tanto se respira no ambiente, e tanto se reconhece no próprio aspecto exterior da vida social.

André Suarès diz algures, definindo cultura e civilização, que a civilização é mais da sensibilidade que da inteligência — nasce no sangue, é um produto herdado; enquanto que a cultura é uma aquisição puramente individual. Pode-se ser culto — e ser bárbaro. Mas o homem civilizado, embora sem instrução, nunca deixará de possuir aquela nobreza de instinto que o salva da barbárie, e que o eleva ao entendimento, talvez inconsciente, mas seguro, de tudo o que é e tem sido belo e grande na humanidade. Nem de outro modo se compreenderia a fácil comunhão do povo, nas nações neo-latinas, com as criações do génio, com o lirismo dos poetas, com o idealismo de todos os santos e de todos os sonhadores.

Ora os brasileiros têm no sangue, todos, êsse germen admirável da verdadeira civilização. A ela juntam, a ela querem juntar a cultura, porque sabem que esta fornece elementos de estudo, de trabalho, de reflexão, à sua energia de homens impetuosos, tão forte como a energia avassaladora do solo que pisam. Antes, porém, de ser cultos, são civilizados. Vieram ao mundo com êsse dom supremo, com essa incomparável elegância moral.

Assim, o respeito do brasileiro pela Arte, pela Literatura, pela Inteligência, demonstra-se a todo o instante. Os grandes escritores, os grandes artistas, os grandes poetas, os grandes oradores, são considerados como semi-deuses. Uma devoção os cerca,

um louvor permanente os segue, numa quasi antecipaço de apoteose. São admirados, amados e estimados. Rui Barbosa domina a sociedade brasileira pelo prestígio da sua palavra admirável e do seu idealismo batalhador. Olavo Bilac, o príncipe dos poetas brasileiros, conquista a glória pelo poder duma sensibilidade poética excepcional, vazada em moldes helénicos. Nilo Peçanha, estadista, actual ministro das Relações Exteriores, ganha a sua notoriedade pela nitidez duma atitude política, sempre orientada no amor dos princípios de Direito e assentando num critério filosófico da grandeza do seu país, que tanto lhe deve em progressos materiais e intellectuais. E outros, muitos outros, novos e velhos, como Alberto de Oliveira, como Félix Pacheco ou Afrânio Peixoto, como Celso Vieira ou Paulo Barreto, como Mário de Alencar ou Alcides Maia, como Júlia Lopes de Almeida ou Amadeu Amaral, — obtêm a admiração da *élite* e das multidões, porque se alimentaram do génio latino, porque veneram as ideas e as formas pelas quais êle se tornou dominador, e porque traduzem assim, nessa terra de formidáveis realizações, a superioridade da vida espiritual sôbre a dura realidade quotidiana.

Em todas as almas, em todos os espíritos de todo o Brasil imenso, florescem e desabrocham ramos viçosos dessa velha árvore que é a civilização latina, hoje sacudida, rudemente, pelo temporal germânico, mas sempre forte nas suas raízes que be-

beram a seiva da Terra, no seu tronco onde corre o sangue de tanto ideal, nos seus ramos que dão sombra e abrigo a todos os sedentos de perfeição e de beleza. A influência — há muito conhecida — da mentalidade francesa sôbre a mentalidade brasileira, não é senão uma prova disto: — porque os brasileiros amam na França, acima de tudo, aquelas qualidades de clareza, de intelligência, de harmonia, que deram ao génio dêsse grande povo a sua hegemonia sôbre todo o mundo, e que vêem, directamente, da clareza, da intelligência, da harmonia das criações greco-latinas.

Por isso, todos os países latinos, todos os países aliados devem amar, admirar e festejar o Brasil pela sua entrada na guerra. Êle mostrou, com efeito, que tinha a consciência do seu destino, para todo o sempre irmanado ao destino dos seus irmãos em civilização, dos seus velhos e eternos companheiros de herança espiritual.

Mas, nós, portugueses, temos de fazer mais, se quisermos ser justos com o Brasil. Penso, na verdade, — e apesar de todos os interêsses económicos, intellectuais, políticos e geográficos que ligam o Brasil aos Estados Unidos da América do Norte — penso que não foi só a declaração de guerra da Alemanha a esta nação o facto que determinou a situação actual do Brasil. O Brasil está na guerra, o Brasil rompeu as suas relações com o Império Germânico, o Brasil está, virtualmente, em belige-

rância, desde o dia em que os seus jornais publicaram os telegramas de Lisboa, anunciando a guerra entre Alemanha e Portugal; beligerância de corações, beligerância de sentimentos, beligerância de espíritos, — beligerância, no entanto, e tão decisiva, tão decidida, tão útil mesmo, sob o ponto de vista comercial, a nós e aos nossos aliados, como se fôsse, quasi, uma hostilidade declarada.

A simpatia de toda a imprensa brasileira pela causa de Portugal foi immediata — foi espontânea e ardente. Os jornais, até alguns a quem não agradavam muito as nossas instituições portuguezas, fizeram logo justiça à lialdade dos nossos propósitos de intervenção no conflito, aos compromissos da aliança inglesa, e ao esforço para um Portugal mais forte e mais poderoso que todo Portugal estava fazendo. Rui Barbosa, incitando os seus compatriotas ao rompimento de relações com a Alemanha, falava da terra lusitana com tanto carinho que a colónia portuguesa lhe fazia uma pública manifestação de agradecimento. Conferentes illustres evocavam, em festas que se destinavam a angariar dinheiro para as obras portuguezas de assistência aos soldados, o nome vitorioso de Portugal e os laços indestrutíveis que nos ligam ao Brasil. E qualquer cousa de nobre e de superior se pressentia em todos estes actos de homenagem à nossa decisão: — o reconhecimento de que entre os dois povos uma solidariedade especial existe, uma solidariedade de instinto vital e

de aspirações do Porvir, tão forte como aquela que os torna irmãos gémeos na sensibilidade poética e na imaginação lírica.

Paul Adam, no seu livro sôbre o Brasil publicado antes da guerra — *Les Visages du Brésil* — de tal maneira apreendeu esta solidariedade, que fez começar o notabilíssimo volume sôbre a grande República transatlântica pela exaltação do valor português, evocado em frente de Lisboa, donde um dia partiu a frota de Pedro Álvares Cabral. O Dr. Gastão da Cunha, o eminente diplomata que é, por nossa fortuna, Embaixador do Brasil em Lisboa, explicou um dia nas páginas da *Atlântida* com lúcido carinho, o quanto Portugal e Brasil vivem uma idêntica vida de aspirações e de progresso. O Dr. Bettencourt Rodrigues, ilustre português educado em França, que em S. Paulo passou grande parte da sua vida, possuindo assim o conhecimento pleno das três modalidades da mesma civilização, lançou na mesma revista a idea duma confederação luso-brasileira, baseada nessa concepção de íntima solidariedade. E eu próprio, quando em 1912 visitei o Brasil, reconheci que ela existia realmente, decerto indefinida e esparsa, talvez mesmo negada por certas pessoas, mas verificando-se em quási toda a parte, em quási todos os espíritos. Basta dizer mais uma vez que em S. Paulo, o grande Estado director da civilização brasileira, ninguém, medianamente culto, ignorava ou deixava de ler os

clássicos portugueses; e na Escola normal, que a alta competência de Oscar Thompson dirigia, o estudo de português — mas do português clássico — era considerado como um dos factores indispensáveis da educação das novas gerações, como uma base segura da formação da consciência nacional.

Mas, ao afirmar que a declaração de guerra da Alemanha a Portugal criou no Brasil, imediatamente, uma hostilidade, desde logo irreprimível, contra o Império Germânico, não esqueço — repito — a solidariedade americana, as múltiplas ligações de toda a ordem que aproximam numa mesma política internacional os Estados Unidos da América do Norte e as outras nações do continente americano. Simplesmente, quero dizer que nós, portugueses, devemos ao Brasil esta gratidão imensa: — tê-lo tido ao nosso lado, pelo impulso affectuosíssimo do seu coração, assim que nos vimos em guerra; ter sentido e sabido que êle nos acompanha, dia a dia, hora a hora, na ansiedade magnífica e dolorosa em que vivemos hoje; ter ouvido, através do vasto oceano que nos separa, a sua ternura, o seu carinho, o seu amor por nós, vibrar, subir, cantar na voz dos seus poetas, dos seus oradores, dos seus escritores, dos seus estadistas. Entre os incentivos e aplausos que a nossa atitude nos mereceu — entre a simpatia da Inglaterra, o abraço acolhedor da França, a admiração respeitosa da Espanha — os incentivos e os aplausos do Brasil confortaram-

nos mais de que todos os outros. Tocaram-nos mais na alma, deram-nos uma confiança mais forte, trouxeram-nos mais a certeza de que cumpríamos inteiramente o dever imposto pelo nosso Passado, o dever reclamado pelo nosso Futuro. É que êsse estímulo era o estímulo da nossa velha alma aventureira, da nossa alma de conquista e de epopeia — no Brasil resuscitada, ampliada e intensificada por um povo de energia ardente e de vontade clara, caminhando para o seu esplêndido destino com a segurança heróica do trabalho e da fé!

Amemos, pois, o Brasil, o Brasil, nosso irmão na alegria e na dor; o Brasil, nosso aliado pelo sentimento e pelo espírito; o Brasil, ramo extremo da civilização latina, que nele, como em nenhum outro país da América, floresce em beleza inédita, e em consciência nobre,—novo império das ideas e das formas que imperecivelmente moldaram as aspirações superiores da humanidade e da vida.

Crónica de Saùdade

Crónica de Sancho

Crónica de Saúde

CARTA A PAULO BARRETO

Há quanto tempo foi, meu querido amigo, há quanto tempo foi que eu passei, aí e em S. Paulo, as mais belas, mais comovidas, mais encantadoras semanas da minha vida? Nem quero sabe-lo... Tinha-me dito, numa carta que era um apêlo carinhosíssimo:— «*Não te arrependerás de visitar o meu país. Verás como o Brasil não é o que pensam certos meninos idiotas do Chiado e da Havanesa*». Acreditei-te facilmente. O Brasil sempre me seduzira. Sempre lêra avidamente o que dêle contavam os viajantes e os observadores. O formidável ímpeto de civilização, que aí sacode e exalta as almas e as inteligências, sentira-o palpitar através das páginas dos escritores e dos poetas. Os teus livros, de resto, meu caro João do Rio, lidos por mim com enternecida devoção, in-

tensificavam e completavam as minhas impressões, — melhor direi, as minhas previsões. Tu celebras neles, com efeito, com um entusiasmo forte que às vezes a ironia vela pelo teu receio elegante de pareceres excessivo, a expansão intelectual, artística e material da tua admirável terra. Os ridículos e os exageros, mesmo, que tu sabes fazer ressaltar com uma graça leve e ao mesmo tempo incisiva — nessas páginas que são verdadeiros quadros da vida e da sociedade brasileiras, — não servem senão para nos mostrar a cultura e o progresso da tua terra: — pois que são apenas os exageros e os ridículos de todos os povos cultos e progressivos. Depois, reconhecesse bem que a tua crítica é unicamente excesso de amor: tu sonhas uma pátria mais perfeita, mais poderosa ainda. Mas, no entanto (e como tens razão para isso!) ama-la já dedicadamente e voluptuosamente. Certos capítulos dos teus volumes são lirismo puro. As frases têm um andamento, um compasso vibrante de hino laudativo, ou o lento desenrolar dos versos duma ode, que exalta e glorifica. E às vezes, também, murmuram, segredam um imenso carinho, um doce arroubamento de paixão...

Ora, foi com a certeza de que as minhas previsões sobre o Brasil não seriam desmentidas e com a segura crença de que os teus livros eram um guia sincero e justo, que eu, numa manhã de sol ardentíssimo, embarquei em Lisboa, para o Rio de Ja-

neiro. Confesso — porque não hei-de dizê-lo? — que parti cheio de saúdaes pela minha terra e por todos os que nela deixava, inquietos por me verem partir. Mas, assim que o transatlântico levantou ferro, de noite já, contemplando as estrêlas do meu céu e vendo fugir na sombra as luzes amoráveis de Lisboa, — logo me arrastou e me preocupou uma só idea, uma só aspiração: — chegar, chegar depressa, chegar imediatamente! Nem o meu velho amor pela mar; nem a visão de certa beleza loira e grave, espalhando graça e mocidade no tombadilho do navio; nem um dourado luar que parecia, não acompanhar-nos, mas levar-nos para um pôrto de claridade perene, acalmavam a minha insofrida ansiedade. Tornei-me solitário e misantropo: — e de olhos fitos no horizonte vastíssimo e deserto, esperava com mais contida febre o momento em que nele visse aflorar o primeiro vislumbre, a primeira entressonhada fimbria do solo desejado de Santa Cruz...

Emfim, numa tarde límpida, avistámos Pernambuco, com as suas casas debruçadas sobre as ondas, no mesmo gesto familiar que têm as casas da minha cidadezinha natal, que o mar embala também. E já aí o meu coração começou a bater, mais satisfeito e alegre. Numa outra tarde luminosa, a Baía surgiu, entre severa e bucólica, ao meu olhar extasiado. O poente incendiava-se todo, derramava a sua claridade vermelha sôbre o oceano — de tal

modo que êste parecia, na sua agitação, erguer para o firmamento um grande turbilhão de chamas. Inenarrável espectáculo, que mais tarde, na carinhosa praia de Icarahy, eu mais de uma vez contemplei, fascinadamente, enquanto o meu amigo Mário Bulcão memorava idílios passados, em frases ardentes como o próprio sol. . .

Mas o deslumbramento máximo, inesquecível, vivo sempre nos meus sentidos e na minha memória, foi a chegada ao Rio, numa madrugada de névoa tenue, que opalizava a distância e dava a translucidez das pedras preciosas ao próprio Pão de Açúcar. Por mais que eu estivesse já prevenido de toda essa maravilhosa beleza, a realidade era maior, mais radiosamente estranha, mais surpreendente do que eu jámais supusera. Que um dia um scenógrafo se lembre de pintar uma paisagem assim, e a mostre a um público europeu, desconhecedor dêsse prodígio da natureza, e o público julgará imediatamente que o artista se inspirou apenas na sua imaginação, e que lhe apresenta uma paisagem quimérica! Ali se confundia a majestade soberba dos píncaros altaneiros com a doçura das árvores verdadeantes e das curvas enseadas, onde o remanso é conforto e serenidade. Ali, a terra desafiava os astros com o gesto certo dos rochedos agudos; e desabrochava em torrentes de vegetação, inexaurível, pródiga, luxuriosa e fecunda. Ali demorava uma cidade de energia e de formosura, onde a mi-

nha curiosidade insofrida ia, finalmente, mergulhar e perder-se, para ver bem de perto os homens e as cousas que de longe me tinham seduzido. E ali me esperava, meu querido Paulo, o teu abraço de amigo...

Debruçado na amurada do *Amazon*, via, na verdade, chegar a lancha rápida que te trazia. Então, naquele momento, tão próximo do meu desembarque, um receio tomou-me:—o receio de que eu não possuía nada que me recomendasse ao bom acolhimento do Brasil. Mas já tu subias a escada de bordo, já estavas ao pé de mim. E o meu receio desvaneceu-se, na certeza, na segurança, na confiança que me trazia a tua presença fiel.

Que foi depois a minha estada aí? Nem sei dizer... A cada hora crescia a minha admiração e o meu respeito pela vitória do estôrço brasileiro; a cada instante aumentava a minha gratidão e a minha comoção. A convivência de individualidades eminentes, ou duma juventude generosa, inteligente e nobre; a hospitalidade elegante duma sociedade polida, em que nenhuma senhora é desgraciosa, em que nenhum homem é rude, e em que a distinção de maneiras nunca é frieza ou secura; o acolhimento imerecidamente fraternal dos mais altos espíritos das letras, das artes, do professorado—tudo isso me trazia numa perturbação contente. Sentia a alma iluminada. Certas noites, até, como aquela em que o notabilíssimo Alberto de Oliveira

me deu a honra de ler, na sua voz quente e forte, alguns dos seus poemas mais originais; ou quando, em casa do artista único, que é o simples e despreocupado Coelho Neto, de perto conheci a sua simplicidade e o seu talento inexgotável, ouvindo-o improvisar, com desenvolta graça, dois contos lindíssimos; e como, afinal, em tantas, tantas outras noites, nas quais me foi dado adivinhar ou conhecer manifestações admiráveis do génio brasileiro; — eu, caminhando pela Avenida Beira-Mar até o meu quarto sossegado, ia tão cheio de entusiasmo, de claridade, de paixão, que chegava quasi a ver, no resplendor das lâmpadas fulgurantes, apenas um reflexo magnifico da minha luz interior!

Em S. Paulo, o mesmo sonho de encanto acompanhou-me, continuou. Cultura, civismo, intelectualidade, mocidade — eis as palavras com que posso definir o ambiente que lá me cercava. Inolvidavelmente, recordo também as crianças das escolas, provando de maneira clara, pela sua alegria e pela sua saúde, a perfeição do ensino que lhes é ministrado. E, sobretudo, não me esquece o hino de minha pátria, cantado pelas vozes frescas das alunas da Escola Normal. . . .

. . . . Mas para que repetir o que já tenho escrito algumas vezes, o que tantas vezes tenho dito? Para que? Estas paginas são, apenas, um grito maior da minha saúde. Quere apenas mostrar ao Brasil

que a sua lembrança vive sempre no meu espírito. E repára : quando, na minha teimosa, persistente, ávida luta quotidiana, eu preciso de repouso e de paz, acolho-me à evocação vitoriosa do tempo que aí passei. Logo sorrio, logo me sinto bem com a vida, logo volto a encontrar em mim a fé necessária, o desejo indispensável de combater — e vencer. E é como se a bênção do céu ardente do teu país, todo alagado de estrêlas, e a outra bênção mais vasta da grande crença que o anima, levando-o à realização de gloriosos destinos — ao teu país que eu amo como uma segunda pátria e que eu lembro a cada passo como um amor sem fim e sem tristezas — é como se essas bênçãos caíssem no meu coração insofrido, para o envolver, para o exaltar, para o rejuvenescer — para o tornar mais jovem ainda do que êle nunca soube ser...

Índice

Terra de Sedução.....	3
Louvor a S. Paulo.....	11
O meio intelectual no Rio e em S. Paulo.....	19
Literaturas gêmeas.....	29
Uma noite de arte.....	43
Paulo Barreto em Lisboa.....	55
Coelho Neto em Lisboa.....	63
A criação da Embaixada Portuguesa no Brasil.....	69
Uma cadeira de estudos Brasileiros em Lisboa..	83
A República Portuguesa e o Brasil.....	89
Lisboa triste.....	97
Um defensor da aproximação luso-brasileira.....	105
A Mentalidade Brasileira Contemporanea.....	113
Aproximação artística luso-brasileira.....	147
O Brasil e a guerra.....	173
Crónica de Saúde.....	183

